



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Thaís Moura Monteiro

REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA SOBRE A CLÍNICA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Palmas – TO

2016

Thaís Moura Monteiro

REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA SOBRE A CLÍNICA PSICODINÂMICA
DO TRABALHO

Trabalho elaborado e apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II) do curso de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Dra. Irenides Teixeira.
Co-orientadora: Profa. Dra. Liliam Deisy Ghizoni.

Palmas – TO

2016

Thaís Moura Monteiro

REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA SOBRE A CLÍNICA PSICODINÂMICA
DO TRABALHO

Trabalho elaborado e apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II) do curso de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Dra. Irenides Teixeira.
Co-orientadora: Profa. Dra. Liliam Deisy Ghizoni.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Irenides Teixeira

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Profa. Dra. Liliam Deisy Ghizoni

Co-orientadora

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Profa. Esp. Almerinda Maria Skeff Cunha

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2016

Dados internacionais da catalogação na publicação.

M775r Monteiro, Thaís Moura
Revisão sistemática da literatura sobre a Clínica
Psicodinâmica do Trabalho / Thaís Moura Monteiro – Palmas,
2016
82 fls., 29 cm. il.

Orientação: Profa. Dra. Irenides Teixeira
TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Psicologia - Centro
Universitário Luterano de Palmas. 2016

1. Psicodinâmica do Trabalho. 2. Clínica Psicodinâmica do
Trabalho. 3. Revisão Sistemática. I. Teixeira, Irenides
Teixeira. II. Ghizoni, Liliam Deisy. III. Título. IV.
Psicologia.

CDU: 159.91

À minha mãe, por todo cuidado e amor.
Um verdadeiro exemplo de força de
vontade e persistência.

AGRADECIMENTOS

O encerramento deste trabalho marca o final de um ciclo e o início de uma nova jornada em minha formação. Agradecer é um verbo que minimamente traduz o que estou sentindo, pois ao analisar minha trajetória vejo o quanto fui lisonjeada por encontrar pessoas as quais conseguiram entender não apenas minhas palavras, mas meu olhar. A vocês, o meu eterno reconhecimento pelas contribuições, abraços apertados e sorrisos descompromissados.

Ao meu grandioso Deus, agradeço por me presentear de maneira tão especial com a vida e com uma família a qual tenho o maior orgulho de fazer parte. Pai e mãe, sem vocês nada teria sentido. À minha irmã Thaynara, obrigada pela confiança e o total apoio. Aos meus familiares, pela compreensão em entender os momentos de ausência. Em especial, à minha avó (Mainha) pelas orações e à minha prima Mayana, pelo auxílio com os *softwares* e por sonhar comigo a realização da formatura. Eu amo vocês!

Ao meu amor Lucas, pela parceria incondicional, sonhos compartilhados e pelo total suporte tecnológico e emocional. Você tornou essa caminhada mais sublime e colorida. À minha afilhada Isabela, seus sorrisos fizeram que esse trabalho fosse bem mais divertido. A dinda te ama! À Évelin, pelo auxílio com a língua inglesa e por mostrar que o caminho vale a pena, basta planejar e sonhar sempre.

Aos meus amigos, pela motivação e incentivo nas horas em que mais precisei. Em especial ao Ruam, pelo apoio e incansáveis escutas. Eu, verdadeiramente, não tenho palavras para lhe agradecer. À Raquel, pelo cuidado, confiança e oração. Ao Hudson, por me fazer acreditar que podia ir mais além. À Mayra, pelas palavras doces e sorrisos singelos. Às amigas da graduação, Raquel, Tatiane, Ana Carolina, Adrielle, Érica e Laura, pelas trocas afetuosas. Vocês são um presente em minha vida!

Minha eterna gratidão às orientadoras: Irenides, pelo apoio, inspiração e confiança a mim dispensadas. À Liliam, pela disponibilidade de compartilhar seus conhecimentos de forma tão solidária e ética. O mundo precisa de profissionais como vocês!

À banca de qualificação, em especial à professora Almerinda, pelas contribuições, livros e materiais disponibilizados. A todos os professores que tive ao longo da vida, da alfabetização à graduação. Obrigada por compartilhar conhecimentos e acreditar na potência da educação.

O CAMINHO DA VIDA

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos.

A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e morticínios.

Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria.

Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco.

Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

(Charles Chaplin)

RESUMO

MONTEIRO, Thaís Moura. **Revisão sistemática da literatura sobre a Clínica Psicodinâmica do Trabalho**. 2016. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2016.

A Psicodinâmica do Trabalho (PdT) busca entender as relações de trabalho que ocorrem no contexto laboral, bem como o sofrimento decorrente do distanciamento existente entre a prescrição e o real do trabalho. Nessa direção, o presente estudo realizou um levantamento bibliográfico sobre a clínica psicodinâmica do trabalho, a qual nasceu como práxis (teoria e prática) na França e, no Brasil, se desdobrou em diferentes usos, ora como categoria teórica, ora como prática clínica. O objetivo desse trabalho é apresentar uma revisão sistemática sobre a clínica PdT nos últimos 5 anos (janeiro de 2011 a outubro de 2016). Para a coleta de dados, utilizou-se o descritor *clínica psicodinâmica do trabalho* na Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-Psi), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), além da análise internacional nas bases *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online/PubMed* (MEDLINE/PubMed) e *Directory of Open Access Journals* (DOAJ). Os resultados levantaram o total de 142 materiais, mas apenas 50 foram selecionados (16 artigos, 25 dissertações e 9 teses). Destes, nenhum é produção científica internacional. No Brasil, os resultados desta pesquisa indicaram um elevado índice de adaptações do método proposto por Dejours. Destaca-se o uso de entrevistas (semiestruturas e semiabertas) e questionário para a coleta de dados, sendo que a formulação da demanda também pode ser feita pelo pesquisador, não somente pelas organizações. Sobre a conduta dos pesquisadores nos estudos analisados, verificou-se que a atuação do pesquisador-clínico tem sobressaído, pois, dentre os 50 estudos selecionados, 31 descreviam tal postura. A partir da análise de conteúdo, os efeitos das práticas clínicas foram sintetizados nos seguintes eixos: fonte de prazer, fonte de sofrimento, estratégias defensivas, patologias, mobilização subjetiva e intervenção. Sugere-se que o papel de pesquisador-clínico, deslize para uma atuação voltada para o clínico-pesquisador, considerando as diversidades culturais brasileiras e a emergência dos novos cenários em relação à realidade da França.

Palavras-chave: Clínica Psicodinâmica do Trabalho. Psicodinâmica do Trabalho. Revisão Sistemática.

ABSTRACT

MONTEIRO, Thaís Moura. **Revisão sistemática da literatura sobre a Clínica Psicodinâmica do Trabalho**. 2016. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2016.

The psychodynamics of work seeks to understand working relations that occur in the labor context, as well as the distance between prescribed organization and the real work. In this direction, this study conducted a literature on psychodynamic clinical work, which was born as praxis (theory and practice) in France and then in Brazil was divided into different uses, only as a theoretical category or as a clinical practice. The aim of this paper is to present a systematic review of the psychodynamic clinical work in the last 5 years (from January 2011 to October 2016). In order to collect data a *psychodynamic clinical work* descriptor was used on Virtual Health Psychology Library (BVS-Psi), the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), besides the international analysis on the data bases Medical Literature Analysis and Retrieval System Online / PubMed (MEDLINE/ PubMed) and Directory of Open Access Journals (DOAJ). The results raised the total of 142 materials, but only 50 were selected (16 articles, 25 dissertations and 9 theses). Among these 50, none is international scientific production. In Brazil, the results of this research indicate a high index of adaptations of the method proposed by Dejours. It is worth highlighting the use of interviews (semi-structured and semi-open) and questionnaire for data collection, as long as the formulation of demand can also be done by the researcher, not only by organizations. Regarding the conduct of the investigators in the analyzed studies, it was verified that the performance of the clinical researcher has stood out because among the 50 selected studies, 31 described such posture. From the content analysis, the effects of the clinical practices were synthesized in the following axes: source of pleasure, source of suffering, defensive strategies, pathologies, subjective mobilization and intervention. It is suggested that the role of clinical researcher slide to an action oriented especially to the clinic, considering Brazilian cultural diversities and the emergence of the new scenarios in relation to the reality of France.

Keywords: Psychodynamic Clinical work. Psychodynamics of work. Systematic review.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fluxograma 1 – Público-alvo da Clínica Psicodinâmica do Trabalho.....	30
Gráfico 1 – Quantitativo das publicações sobre a Clínica Psicodinâmica do Trabalho a partir do ano de 2011 até o ano de 2016.....	44
Gráfico 2 – Ranking da produção científica nas universidades nacionais sobre a Clínica Psicodinâmica do Trabalho.....	45
Gráfico 3 – Ilustração das metodologias utilizadas nos estudos selecionados sobre a Clínica Psicodinâmica do Trabalho.....	46
Quadro 1 – Relação dos objetivos da pesquisa com os estudos analisados.....	47
Gráfico 4 – Categorias profissionais estudadas e seus respectivos vínculo empregatício.....	48
Esquema 1 – Categorias de análise dos principais resultados	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipo de publicação	44
Tabela 2 – Regiões demográficas pesquisadas	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACC	Autoconfrontação Cruzada
ACT	Análise Clínica do Trabalho
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BVS-Psi	Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia
CAEP	Clínica Psicológica da Universidade de Brasília
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNAM	Conservatório Nacional de Artes e Ofícios
DOAJ	Directory of Open Access Journals
FAI	Faculdades Adamantinenses Integradas
LPCT	Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho – UnB
Lilacs	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MAC	Método da Autoconfrontação
MEDLINE	<i>Medical Literature Analysis and Retrieval System Online /PubMed</i>
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial da Saúde
PdT	Psicodinâmica do Trabalho
PePSIC	Periódicos Eletrônicos de Psicologia
POT	Psicologia Organizacional e do Trabalho (ou Psicologia Organizações e Trabalho)
PUC GOIÁS	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
rPOT	Revista Psicologia: Organizações e Trabalho
SBPOT	Associação Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>

TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UCB	Universidade Católica de Brasília
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEP	Universidade Estadual Paulista
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNICAMP	Universidade Católica de Pernambuco
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REVISÃO DE LITERATURA	21
2.1 Introdução às Clínicas do Trabalho.....	21
2.1.1 A Clínica Psicodinâmica do Trabalho.....	23
2.1.2 A Clínica da Atividade	30
2.1.3 Psicossociologia/ Sociologia Clínica	32
2.1.4 Ergologia	35
2.1.5 Intersecções teóricas entre as abordagens das Clínicas do Trabalho	37
3 METODOLOGIA.....	41
4 RESULTADOS	44
5 DISCUSSÃO	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICES.....	68
APÊNDICE A – Levantamento das publicações sobre "Clínica Psicodinâmica do Trabalho" entre janeiro de 2011 a outubro de 2016, na BVS-Psi.....	69
APÊNDICE B – Levantamento de publicações sobre "Clínica Psicodinâmica do Trabalho" entre janeiro de 2011 a outubro de 2016, na BDTD.....	74

1 INTRODUÇÃO

“É preciso força pra sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê.”
(Los Hermanos)

A inserção do psicólogo no contexto das organizações e do trabalho tem sido, historicamente, permeada por muitas polêmicas no Brasil, seja por ordem epistemológica, teórica, metodológica ou social. A literatura registra a busca incessante pela evolução dessa área, sobretudo, nos dias atuais (BASTOS, 2003; COELHO-LIMA; COSTA; YAMAMOTO, 2010; BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011).

Nessa direção, o desenvolvimento da Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT) foi sintetizada em três momentos por Sampaio (1998) e Freitas (2002) no estudo “O exercício profissional do psicólogo do trabalho e das organizações: uma revisão da produção científica” produzido por Coelho-Lima, Costa e Yamamoto (2011). O primeiro momento ocorreu em 1930, após a Revolução Industrial, contexto que desencadeou mudanças no mundo do trabalho, visando o desenvolvimento exacerbado do capitalismo e, conseqüentemente, a exploração da mão-de-obra (taylorismo). Com efeito, a Psicologia Industrial voltava-se para uma perspectiva tecnicista, a qual tinha a função de selecionar pessoas para trabalharem nas indústrias.

No segundo momento, a Psicologia Organizacional se destacou, tecendo ampliações com relação ao seu objeto, por meio de ações grupais com pessoas pertencentes à organização, porém, ainda buscavam assegurar a produtividade das empresas. A última fase foi caracterizada pela Psicologia do Trabalho, a qual visa a manifestação do sujeito no contexto laboral, considerando suas relações, prazeres e sofrimentos advindos do trabalho, em prol da mobilização da subjetividade e da saúde mental.

No final da década de 1990, surge no Brasil, a Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT). Soldera (2016) descreveu que, recentemente, essa proposta apresentou uma alteração em seu nome, sendo modificada para Psicologia, Organizações e Trabalho, contudo, ressalva que a sigla (POT) permanece a mesma. Bastos (2003), por sua vez, afirma que este termo se tornou um campo do conhecimento que visa desvelar a diversidade da área, na medida em que propõe a existência de dois eixos: de um lado, as organizações, enquanto dispositivo social formadora de coletivos humanos que buscam o desenvolvimento das empresas, do

outro, o trabalho, enquanto atividade central do sujeito que mobiliza a sua própria existência e da sociedade.

Assim, nota-se que este percurso histórico contribuiu para o avanço da POT no cenário nacional e pode ser visualizado a partir de vários marcos, dentre eles destacam-se: a fundação, em 2001, da Associação Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho (SBPOT) a qual participou da construção de questões políticas que convergiam com a atuação da Psicologia e da POT, por meio de congressos e debates, a fim de legitimar o real papel do psicólogo perante a sociedade. Em decorrência dessa proporção, ficou reconhecida frente ao Conselho Federal de Psicologia (CFP) (SOLDERA, 2016).

A partir de 2004, o Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho (CBPOT) foi instituído e ocorre bianualmente. No mês de julho deste ano (2016), sediou a sua sétima edição em Brasília-DF, onde foi possível construir espaços para que as organizações, os pesquisadores e os especialistas renomados da área pudessem compartilhar suas experiências, propiciando o intercâmbio destes profissionais com os acadêmicos de Psicologia e de áreas afins. Outro marco é a fundação da revista Psicologia: Organizações e Trabalho (rPOT) que divulga periódicos especializados na área, voltados para a construção de conhecimento e discussão crítica sobre o trabalho, bem como os processos organizacionais sob o espectro das pessoas que os vivenciam e a eles estão submetidos (BORGES, 2010).

Corroborando com estas propostas, Bendassolli e Soboll (2011) sublinham que, embora a Psicologia Organizacional e do Trabalho sejam articuladas em um único campo, possuem objetivos distintos, pois a psicologia organizacional volta-se para ações relacionadas ao âmbito das organizações (recrutamento, seleção, treinamento, avaliação psicológica, entre outros) e, em contrapartida, a psicologia do trabalho reporta-se aos trabalhadores, buscando compreender suas relações e sofrimentos decorrentes do contexto laboral.

Diante disso, nos últimos anos, vários autores têm enfatizado a relevância de atentar-se à saúde (mental) do trabalhador e, por conseguinte, há um crescimento da psicologia do trabalho, a qual abre subcampos para a atuação do psicólogo, ultrapassando o que já havia sido anteriormente delimitado. Este profissional lida com diversas categorias, desde aqueles sujeitos que estão em situação de desemprego/subemprego, de aposentadoria, invalidez ou sofre algum tipo de violência no trabalho, até os que inserem-se em novas configurações, tais como as

cooperativas e o trabalho voluntário (ZANELLI; BASTOS, 2004; COELHO-LIMA; COSTA; YAMAMOTO, 2011).

Cabe pontuar que o sofrimento não é somente uma consequência da interação do sujeito com o trabalho real, mas também, envolve a proteção da subjetividade com relação ao mundo, a fim de transformá-lo em uma oportunidade de superar a resistência diante da realidade no contexto laboral. Por sua vez, o adoecimento psíquico torna-se uma consequência potente no âmbito das organizações, caso o distanciamento do trabalho prescrito com o real não seja considerado. Assim, o local onde o trabalho é realizado possui uma dimensão fundamental e, na maioria das vezes, o sofrer não revela sintomas evidentes e o trabalhador pode apresentar sintomatologias inespecíficas, podendo desencadear o levantamento de diversas patologias como hipóteses diagnósticas, sem levar em consideração a subjetividade e o ambiente de trabalho do sujeito (DEJOURS, 2004; MERLO; BOTTEGA; PEREZ, 2014).

Desse modo, um conjunto de abordagens teórico-metodológicas que vem ganhando espaço no contexto das relações de trabalho, sofrimento psíquico e subjetividade são as Clínicas do Trabalho, as quais possuem diversidades epistemológicas, teóricas e metodológicas, porém, têm um objeto em comum: a situação do trabalho, ou seja, buscam entender a relação entre o sujeito, o trabalho e, ainda, a relação do trabalho com o meio (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011).

As teorias que enfocam a subjetividade no trabalho são descritas por quatro abordagens clínicas, ao passo que investiram no estudo contínuo nesse campo e sistematizaram suas perspectivas: a Psicodinâmica do Trabalho, a Clínica da Atividade, a Psicossociologia ou Sociologia Clínica e a Ergologia (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011). Não obstante, o presente trabalho optou por focar na Clínica Psicodinâmica do Trabalho, uma vez que apresenta-se como eixo central de estruturação do sujeito a partir da compreensão dos processos de subjetivação, buscando entender as relações de trabalho e o distanciamento da organização prescrita com o real (MENDES; ARAUJO, 2012).

O entendimento deste real se dá a partir da escuta clínica, visto que o trabalhador, por meio da fala, revela suas vivências e, por conseguinte, pode compreender melhor as situações de trabalho nos quais estão sendo submetidos, atribuindo assim, uma visibilidade nas relações de trabalho e cotidiano desses sujeitos. Por configurar uma clínica, a palavra é muito importante, além de ser uma

forma de comunicação e linguagem, é também um dispositivo para que o trabalho seja entendido, percebido e, sobretudo, ressignificado (DEJOURS, 2004; MENDES; ARAUJO, 2012).

A centralidade do trabalho possibilita que o sujeito depare-se com situações nas quais começa a buscar a sua saúde mental, criando um embate entre a loucura do trabalho, a doença mental e a patologia propriamente dita. “Assim, trabalhar pressupõe uma mobilização da subjetividade, que engloba o uso da inventividade, da criatividade, da engenhosidade – trabalhar é transformar, um exercício contínuo de preenchimento do hiato entre o prescrito e o real.” (FACAS, 2013, p. 17).

Diante desse cenário, a presente pesquisa buscará responder a seguinte questão: De que maneira as práticas em Clínica Psicodinâmica do Trabalho têm sido apresentadas e discutidas, nos últimos cinco anos, nas bases de dados nacionais e internacionais?

O objetivo geral deste estudo é realizar uma revisão sistemática em periódicos científicos, dissertações e teses publicados em bases de dados nacionais e internacionais sobre a Clínica Psicodinâmica do Trabalho nos últimos 5 anos (janeiro de 2011 a outubro de 2016). Pretende-se averiguar como tem sido apresentadas e discutidas as práticas em Clínica Psicodinâmica do Trabalho neste período. Para tanto, realizaram-se buscas nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-Psi), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *Directory of Open Access Journals* (DOAJ) e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online/PubMed* (MEDLINE/PubMed).

Logo, configuram-se como objetivos específicos deste trabalho: 1) Descrever as características metodológicas das práticas em Clínica Psicodinâmica do Trabalho realizadas nos últimos cinco anos; 2) Verificar se os autores têm sido pesquisadores-clínicos ou clínicos-pesquisadores; 3) Analisar os efeitos das práticas clínicas selecionadas neste estudo.

É consensual entre diversos autores a necessidade de pesquisas acerca do sofrimento no trabalho para além de arcabouços teóricos, mas também, no âmbito empírico. Uma das principais contribuições da PdT é porque além de ser uma práxis voltada para pesquisa/ação, apresenta também as consequências que a organização do trabalho pode suscitar na saúde mental do trabalhador. Possui instrumentos que permitem identificar esses efeitos no âmbito pré-patológico, ou seja, vislumbra atuações voltadas para a prevenção, nas quais buscam intervir nos processos de

saúde/doença mental no trabalho (MERLO; MENDES, 2009; GHIZONI; MENDES; CORGOZINHO, 2013, DUARTE, 2014; GIONGO; MONTEIRO; SOBROSA, 2015).

A escassez de estudos¹ sobre essa problemática no campo prático justifica o presente trabalho, uma vez que Mendes e Araujo (2012) inovaram na obra “Clínica Psicodinâmica do Trabalho: o sujeito em ação” ao trazer o papel do clínico-pesquisador, ao invés do pesquisador-clínico. Na perspectiva dessas autoras, a prática clínica da PdT convida o clínico a não se restringir ao fazer-saber, mas também, engajar seu saber-fazer em prol dos objetivos da clínica do trabalho e do grupo ao qual está inserido.

Segundo Duarte (2014), o pesquisador-clínico faz parte do grupo, mas mantém uma posição de detentor do conhecimento, ao passo que cabe a ele conduzir o processo em conjunto com o grupo de trabalhadores, despertando a mudança, bem como busca promover e potencializar a tomada de consciência com relação ao sofrimento desencadeado pela organização do trabalho. Possui um olhar voltado para a discrepância entre o trabalho prescrito e o real. Em contrapartida, o clínico-pesquisador implica-se no sofrimento do outro para além do *setting clínico*, mas como parte dele, pois acredita que há uma intersubjetividade envolvida. Desse modo, considera a escuta do sofrimento a partir de uma dimensão ética e política, sendo esses espaços locais de deliberação de afetos entre o grupo como um todo (MENDES, 2007; MENDES; ARAUJO, 2012).

Portanto, a clínica do trabalho é um processo que permite que a cada sessão o pesquisador-clínico esteja disponível para o outro, para o dito e o não dito, assim como para as eventualidades, riscos, surpresas que o encontro com o próximo reflete no pesquisador. É nesse debruçar e inclinar para escutar o outro que se firma a prática clínica. Essa disponibilidade traduz a compreensão das singularidades da organização do trabalho, de um lado, e o trabalhador, do outro. E, ainda, na interação destas duas realidades. Neste encontro, espera-se que espaços de fala surjam, mas também, que possua uma escuta política e ética do sofrimento (DUARTE, 2014).

Somando-se a tais argumentos, Bendassolli e Soboll (2011, p. 17) destacam que “as clínicas do trabalho defendem a centralidade psíquica e social do trabalho, entendido como uma atividade material e simbólica constitutiva do laço social e da

¹ A obra “Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação”, descrita por Merlo e Mendes (2009), foi a primeira a detectar poucos estudos voltados para a prática clínica no Brasil.

vida subjetiva”. Nessa direção, a relevância deste estudo justifica-se por ser um tema bem frequente na contemporaneidade, como já sinalizado nos estudos de Merlo e Mendes (2009) e Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015), entretanto, com distinções da abordagem original, criada pelo francês Christophe Dejours, na década de 80.

No âmbito social, pode incitar o reconhecimento do leitor/trabalhador acerca do sofrimento no trabalho e a importância da busca pela mobilização da subjetividade, esclarecendo que o trabalho é central para constituição do sujeito, no entanto, as organizações do trabalho devem considerar os trabalhadores para além daqueles que cumprem as regras, executam as funções com êxito, não se atrasam, entre outros, mas, sobretudo, um sujeito que tem voz, desejos, demandas e criatividade.

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a partir dos dados sistematizados em 2013:

a) 2,02 milhões de pessoas morrem a cada ano devido a enfermidades relacionadas com o trabalho; b) 321 mil pessoas morrem a cada ano como consequência de acidentes no trabalho; **c) 160 milhões de pessoas sofrem de doenças não letais relacionadas com o trabalho;** d) 317 milhões de acidentes laborais não mortais ocorrem a cada ano; **e) A cada 15 segundos, um trabalhador morre de acidentes ou doenças relacionadas com o trabalho;** f) A cada 15 segundos, 115 trabalhadores sofrem um acidente laboral (BOTTEGA, 2015, p. 29, grifo nosso).

Diante deste cenário, a relevância organizacional consiste em suscitar a importância para os serviços-escolas, sindicatos, órgãos públicos, etc. sobre o dispositivo da escuta clínica, visto que pôde-se constatar o quanto existem pessoas em sofrimento laboral e com taxas elevadas de mortalidade. Espera-se que a partir do conhecimento sobre a Clínica PdT, espaços de fala e escuta possam ressignificar o sofrimento dos sujeitos por meio da mobilização da subjetividade.

A relevância científica constitui a necessidade de aprofundar os estudos sobre as escutas clínicas no ambiente de trabalho, uma vez que Merlo e Mendes (2009) já sinalizaram que há poucos estudos que utilizam a metodologia trabalhada por Dejours. Desse modo, realizar uma revisão sistemática da literatura sobre a prática da Clínica Psicodinâmica do Trabalho poderá articular variáveis que não foram visualizadas por Merlo e Mendes (2009) e por Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015), ampliando as discussões sobre o trabalho do clínico nos diferentes espaços laborais.

Nessa direção, o presente estudo está organizado da seguinte forma: o Capítulo 1 apresenta o referencial teórico que embasa as clínicas do trabalho. Em seguida, tem-se a metodologia utilizada nesse trabalho que, de modo geral, realizou uma revisão sistemática da literatura com o descritor “clínica psicodinâmica do

trabalho” em bases de dados nacionais e internacionais. Posteriormente, são apresentados os resultados encontrados, seguidos da discussão dos dados coletados. Por fim, têm-se as considerações finais e a descrição das referências utilizadas nesta pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O Capítulo 1 dissertará sobre as Clínicas do Trabalho, para tanto, foi subdividido em tópicos, quais sejam: o primeiro faz uma introdução às clínicas do trabalho, depois tem-se a apresentação das quatro abordagens: Clínica Psicodinâmica do Trabalho, Clínica da Atividade, Psicossociologia ou Sociologia Clínica e Ergologia. A Clínica Psicodinâmica do Trabalho é contextualizada e aprofundada no que tange às características principais, uma vez que é o foco de análise do presente estudo. Em todas as abordagens, são descritos os principais conceitos, o local onde surgiu, os autores renomados na área e seus seguidores, bem como as metodologias utilizadas em cada teoria. Por fim, realiza-se uma intersecção teórica entre as clínicas do trabalho estudadas, tendo como objetivo ressaltar pontos em comum presentes nessas abordagens.

2.1 Introdução às Clínicas do Trabalho

“Um paradigma [científico] governa, em primeiro lugar, não um objeto de estudo, mas um grupo de praticantes da ciência. Qualquer estudo de pesquisas orientadas por paradigma [...] deve começar pela localização do grupo ou grupos responsáveis.”
(KUHN, 1970/2006, p. 226)

As “clínicas do trabalho”, como sinalizadas anteriormente, constituem um conjunto de abordagens teórico-metodológicas que estudam a relação entre trabalho e subjetividade. Estão fortemente interligadas com os construtos e atuações das clínicas sociais, haja vista que é somente diante da realidade vivenciada pelos sujeitos que a pesquisa possui caráter de intervenção/ação, compreendendo o sofrimento a partir do discurso. Não deve ser confundida com as clínicas que abordam questões com ênfase nos conflitos individuais, pois tem como foco as relações de trabalho do sujeito, bem como as relações envolvidas no ambiente e meio laboral (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011).

Logo, as clínicas do trabalho estão mais vinculadas à clínica social, pois diferem-se da psicologia clínica ao atender demandas pontuais que englobam o sofrimento psíquico do trabalhador, buscando criar espaços para reflexões e discussões das angústias a fim de obter a mobilização da subjetividade. “Le Guillant propõe que o analista (clínico) do trabalho tome como ponto de partida as situações concretas vivenciadas pelo trabalhador, pois são nestas que ele encontrará as diversas manifestações patológicas.” (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011, p. 7).

Soldera (2016) sublinha que a clínica do trabalho, inicialmente, foi desenvolvida e aplicada na França, tendo como precursor Christophe Dejours, mas vale citar que este autor foi desenvolvendo a Teoria Psicodinâmica do Trabalho concomitante à estruturação dos aspectos metodológicos que constituíram a clínica do trabalho. Cabe pontuar, então, que a Clínica Psicodinâmica do Trabalho é uma das clínicas do trabalho existentes, a qual busca formar um espaço de fala e escuta do sofrimento do sujeito. Esta provém da realidade concreta da organização do trabalho, possibilitando aos trabalhadores a ressignificação do sofrimento por meio da reconstrução da capacidade de pensar, criar estratégias eficazes, no âmbito coletivo e/ou individual, a fim de fortalecer e elaborar o sofrimento para confrontá-lo quando emergir circunstâncias advindas do contexto de trabalho. Tudo isso faz parte da busca pelo prazer e, por conseguinte, da saúde.

Mendes e Araujo (2012) defendem que além de permitir um espaço de escuta, possibilita o exercício do falar e escutar, desencadeando assim, uma oportunidade de repensar o trabalho nas dimensões visíveis e invisíveis, bem como abrange a reflexão do questionamento de si e do outro. Em dimensões coletivas, nota-se o surgimento de novas estruturas na organização a partir da fala de um sujeito, o qual falou sobre si em um momento em que sentiu acolhido pelo grupo e, dessa maneira, propicia uma postura empática com relação ao sofrimento do outro que, por vezes, pode ser um disparador para elaborar questões dos sujeitos integrantes do grupo.

Todavia, um dos elementos preponderantes para esse espaço da fala e escuta do sofrimento é a dimensão ética, tendo em vista que o pesquisador é convidado a envolver-se no dualismo entre o fazer-saber e o saber-fazer, o que significa dizer que o clínico-pesquisador possui subjetividade e está implicado nesse processo de construção, angústias e mobilização da subjetividade. Logo, é impossível realizar um estudo partindo da premissa da neutralidade, pois não há como ignorar a intersubjetividade presente nesses espaços de fala e escuta do sofrimento (MENDES, 2007; MENDES; ARAUJO, 2012).

Pontuam, ainda, que o pesquisador deve ter posicionamento crítico sobre o que está observando, isto requer uma postura de mediação e verificação do distanciamento do sujeito sobre o que é prescrito pela organização do trabalho e o que realmente acontece, articulando reflexões frente ao dito e ao não dito e, também, caber fazer ponderações sobre a complexidade do trabalho, a fim de (re)construir a realidade concreta.

Bendassolli e Soboll (2011) destacam que os conhecimentos das abordagens clínicas podem:

[...] subsidiar ações de mobilizações e resistências dos sujeitos individuais e coletivos diante das diversas situações de trabalho, nas quais predominam a vulnerabilidade e a fragmentação dos coletivos, sejam elas manifestadas na forma de sofrimento, adoecimento ou de submissão, como também na forma de demandas, de “provas” do real do trabalho contra as quais o sujeito é chamado para se afirmar (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011, p. 4).

A seguir, estão descritas as teorias que enfocam a subjetividade no trabalho: a Psicodinâmica do Trabalho, a Clínica da Atividade, a Psicossociologia/Sociologia Clínica e a Ergologia. É importante ressaltar que este estudo optou por utilizar a abordagem Clínica Psicodinâmica do Trabalho como foco de análise dos dados coletados na revisão sistemática da literatura, com o intuito de apreender seus pressupostos e sistematizar como tem sido a aplicação da clínica PdT nos materiais disponibilizados nas plataformas escolhidas para a consecução deste levantamento bibliográfico.

Antes de falar sobre as abordagens clínicas do trabalho, faz-se necessário questionar: Quais são os propósitos de uma clínica do trabalho? O que especificadamente ela busca contribuir? Pois bem, ao longo deste trabalho, serão contextualizadas a inserção das clínicas do trabalho no Brasil e apresentadas algumas definições, as quais almejam compreender o sofrimento no trabalho a partir de alguns dispositivos clínicos. Estes questionamentos têm como objetivo reiterar o quanto falar de sofrimento no trabalho torna-se essencial, uma vez que envolve a subjetividade e, dessa forma, alguns autores iniciaram seus estudos nessa área com perspectivas distintas, porém possuem algumas em comum. A seguir, apresenta-se as quatro abordagens que dedicaram-se aos estudos dos temas voltados ao sofrimento no contexto laboral.

2.1.1 A Clínica Psicodinâmica do Trabalho

Um dos pontos basilares para a realização de qualquer pesquisa é o entendimento do seu objeto. Na Psicologia, nota-se que o significado do trabalho tem sido transformado ao longo dos anos, inicialmente, com um olhar voltado para a psicopatologia, porém, em 1993, houve a transição dessa perspectiva e o trabalho passou a ser visto a partir do espectro da normalidade e da saúde mental, não mais das patologias. Mesmo que o foco continuasse sendo o sofrimento no trabalho, a Psicodinâmica do Trabalho reverbera um olhar para as relações de trabalho do sujeito

e do sofrimento psíquico, em busca da saúde mental a partir dos processos de subjetivação e prazer (LHUILIER, 2011; GAMA et al., 2016).

As relações dinâmicas entre a organização do trabalho e os processos de subjetivação – modos de pensar, sentir e agir dos trabalhadores, tanto individualmente quanto coletivamente – são os objetos de estudo dessa abordagem. Além disso, busca-se compreender como esse vínculo com o trabalho se manifesta nas vivências de prazer e sofrimento, nas estratégias de ação para mediar as contradições encontradas na organização do trabalho, nas patologias sociais, na saúde e no adoecimento (GHIZONI et al., 2014, p. 75).

Esta abordagem científica (PdT) ficou conhecida no Brasil a partir do lançamento do livro “A loucura do trabalho”, em 1987, desenvolvido por Christophe Dejours, o qual foi diretor, membro e professor do *Laboratoire de Psychologie de Conservatoire National des Artes et Métiers* (Laboratório de Psicologia do Trabalho do Conservatório Nacional de Artes e Ofícios – CNAM – de Paris). Este autor teceu novas formas de pensar a organização do trabalho, considerando o trabalho como um dispositivo central e potente para refletir na saúde psíquica do trabalhador, seja como fonte de prazer ou alvo de adoecimentos dos sujeitos nos quais encontram-se, por vezes, em condições deletérias.

Para entender melhor a subjetividade do sujeito no contexto laboral, a abordagem PdT apropria-se de quatro campos do saber: a Psicologia, a Psicanálise, a Teoria Social e a Ergonomia. Busca-se intervenções a partir das análises da organização do trabalho, a fim de delinear estratégias pautadas no coletivo (DEJOURS, 2004; MENDES, 2007).

A pesquisa em PdT abrange não só o cunho científico (teórico), mas também, a pesquisa-ação, tendo em vista que constitui uma área pautada em práticas de intervenções. Está imersa nos espaços coletivos onde há, indubitavelmente, um trabalho conjunto entre pesquisador e o sujeito. Dada a seguinte situação, pode-se afirmar que essa clínica prioriza o acesso ao trabalho tanto visível quanto invisível, a apreensão do trabalho vivo, a mobilização da subjetividade voltada para o fazer, um modo de desvelar o preenchimento da relação entre o que é prescrito pela organização e o que é real nesse universo (MENDES; ARAUJO, 2012).

A proposta metodológica realizada por Dejours envolve as seguintes etapas: pré-pesquisa, pesquisa, solicitação, material da pesquisa, observação clínica, método de interpretação, validação e refutação dos dados. A etapa da pré-pesquisa é o momento em que ocorre a formulação de uma demanda por um grupo de trabalhadores, pois os pesquisadores se preparam para a realização da atividade

apenas se houver a solicitação de uma demanda. Feito isso, dá início a pesquisa propriamente dita, começa a reunir informações sobre o local onde será realizado os encontros semanais, bem como busca entender o processo de trabalho daquele coletivo e, a partir disso, define com os trabalhadores quem vai fazer parte do coletivo de pesquisa (DEJOURS, 2011).

Realiza, ainda, a análise da demanda formulada, ao passo que é necessário certificar se os trabalhadores querem participar da pesquisa ou se é somente um desejo da organização. Em seguida, inicia-se de fato a pesquisa, com a realização das sessões com o coletivo de trabalhadores, as quais possibilita falar sobre questões referentes à dimensão subjetiva do trabalho. Vale destacar que as sessões são sempre realizadas em um ambiente que tem relação com o trabalho, mas não há um número de encontros pré-estabelecido.

Quanto ao material produzido pela clínica do trabalho, cabe pontuar que é resultado de tudo que foi dito pelos trabalhadores. Depois, são realizadas análises das falas, bem como acontece observações clínicas do pesquisador durante as sessões com os trabalhadores. Estas observações clínicas abrangem: silêncios, entonação de voz, expressões, entre outras; também catalisa a compreensão da dinâmica subjetiva do coletivo. Concernente às interpretações realizadas pelo pesquisador, estas são submetidas à validação e à refutação, tanto por parte do coletivo de pesquisadores, como também pelo coletivo de trabalhadores participantes da pesquisa (DEJOURS, 2011).

Em síntese, Dejours (2011) propõe como método: estratégia de coleta de dados, as quais são desenvolvidas em etapas: análise da demanda, análise do material de pesquisa, a observação clínica e a interpretação. Sobre a duração das sessões com o coletivo de trabalhadores, estima-se duas horas, com frequência de uma vez por semana, a ser realizado no local de trabalho do coletivo. Tudo isso é combinado a partir da disponibilidade do trabalhador e em horário de trabalho. As sessões podem ser gravadas e analisadas, porém, Dejours enfatiza que a demanda precisa partir dos trabalhadores, não constituindo um desejo apenas da organização, visto que os aspectos éticos envolvidos nesses espaços são considerados por este autor como primordiais.

Vale destacar que a PdT nasceu como práxis (teoria e prática) na França, entretanto, no Brasil se desdobrou em diferentes usos, somente como categoria teórica, tal como se verifica nos estudos de Duarte e Mendes (2014); Giongo, Monteiro

e Sobrosa (2015); Santos e Mello Neto (2016), ou como prática clínica, conforme foram descritos nos seguintes estudos: Medeiros (2012), Ghizoni (2013) e Alves (2014).

Constatou-se que as pesquisas têm utilizado técnicas para coleta de dados pautando-se em entrevistas individuais e/ou coletivas, embasadas nos dispositivos da Psicodinâmica do Trabalho referentes à escuta clínica do sofrimento, porém sem fazer uma exploração clínica do seu objeto de estudo para além da coleta de dados (MENDES, 2007; MERLO; MENDES, 2009; GHIZONI; MENDES; CORGOZINHO, 2013; DUARTE, 2014).

Diante disso, muitos estudos surgiram no Brasil ancorados nos Laboratórios da UFRGS, UnB, UFAM, porém, “a Universidade de Brasília - UnB desponta com as primeiras pesquisas ancoradas nesse aporte teórico-metodológico nos anos 90, tendo a primeira dissertação de mestrado defendida em 1994, seguida da primeira tese de doutorado em 1999” (GHIZONI et al., 2014, p. 75), possibilitando novos diálogos e interfaces a partir dos diferentes campos e demandas.

Mendes e Araujo (2012) por estudarem ao longo de dez anos sobre o sofrimento no contexto laboral, depararam-se com a necessidade de explorar o método proposto por Dejours. Dessa forma, apresentaram um novo modo de pensar as relações de trabalho, considerando, sobretudo, a história e a cultura brasileira, a partir da sistematização e ampliação do método, pautando-se nas suas experiências.

Percebe-se, então, que houve inovações na metodologia no que diz respeito à condução da Clínica Psicodinâmica do Trabalho, transformações estas, propostas por Mendes e Araujo (2012). Porém, tais autoras mantiveram os construtos teóricos desenvolvidos por Christophe Dejours. E, ainda, elencaram a importância da utilização de alguns dispositivos clínicos, tais como: a demanda, a elaboração, a perlaboração, a construção de laços afetivos, a interpretação e a formação do clínico do trabalho. Estes dispositivos foram discutidos após as práticas de Medeiros (2012), Ghizoni (2013) e Alves (2014). Ao serem reformulados, os dispositivos integram três eixos, quais sejam: dispositivos para escuta analítica, a formação do clínico e a supervisão clínica, conforme foram descritos na obra de Mendes (2014).

Quanto aos dispositivos para escuta analítica, presentes no primeiro eixo, têm-se: a análise da demanda, a transferência e a interpretação. Sobre a análise da demanda, esta pode emergir de um trabalhador, grupo de trabalhadores, instituição pública ou privada, sindicatos, hospitais, escolas, etc. A transferência permite a

deliberação do afeto, ocorrendo com frequência nas relações, podendo, ainda, suscitar um espaço acolhedor e confiável. Enquanto que a interpretação possibilita a mediação do sofrimento, uma vez que é necessário desarmar as defesas (atos falhos, chistes, silêncios), um caminho possível para sair do sofrimento laboral é a partir da mobilização da subjetividade. Todavia, ressalta-se que pode acontecer somente se houver desejo dos trabalhadores pertencentes ao grupo.

O segundo eixo permeia a formação do clínico, destacando a qualificação teórica, a prática da escuta e o processo de análise propriamente dito, evidenciando tais aspectos como essenciais no que tange à prática clínica. Ainda na perspectiva dessa autora, o terceiro eixo consiste na supervisão clínica, a qual volta-se para o saber-fazer do clínico, buscando aliar teoria e prática, bem como visa permitir ao clínico o exercício de experimentar-se das vivências por meio do acesso à subjetividade do outro e, também, não exime o acesso a sua subjetividade, na medida em que faz parte do grupo.

Ghizoni et al. (2014) defendem que a obra proposta por Mendes e Araujo (2012) ampliou a práxis clínica em PdT, uma vez que possibilitou novas reflexões acerca do sujeito enquanto um disparador de ações interconectadas entre o sofrimento no trabalho de um lado e a busca pela mobilização da subjetividade, do outro. Desse modo, listaram dez condições essenciais para a execução dos procedimentos clínicos em PdT.

[...] organização da pesquisa; construção e análise da demanda; instituição das regras de conduta do coletivo de pesquisa e do coletivo de supervisão; constituição do espaço da fala e da escuta; estruturação do memorial; restituição e deliberação; diário de campo e registro dos dados; supervisão; apresentação dos relatos e avaliação (GHIZONI et al., 2014, p. 77).

Entretanto, estas dez condições após serem utilizadas nos estudos de Medeiros (2012), Ghizoni (2013), Alves (2014) e Duarte (2014) foram reformuladas em três eixos que compõem o método da escuta analítica do sofrimento, como já descrito anteriormente (MENDES, 2014). Além disso, as precursoras desse método criaram a Análise Clínica do Trabalho (ACT), com o intuito de potencializar as análises dos dados coletados durante as sessões coletivas com os trabalhadores. Sobre a ACT, descreveram que é composta por três etapas: análise dos dispositivos clínicos, análise da psicodinâmica do trabalho e análise da mobilização do coletivo de trabalho (MENDES; ARAUJO, 2012; GHIZONI et al., 2014).

No que se refere à escuta clínica, é importante frisar que o clínico deve ir além do ouvir para escutar o que não é dito, mas que pode ser manifestado pelo silêncio e vazio, ao passo que falar de sofrimento no contexto laboral exige essa habilidade do clínico. As autoras que instituíram esse cuidado com o não dito, dissertaram que o silêncio pode ser um sinal, um dispositivo clínico e, também, um modo de expressar a subjetividade (MENDES; ARAUJO, 2012).

Desta forma, espera-se que o pesquisador-clínico proposto por Dejours passe para uma posição de clínico-pesquisador, sendo a pesquisa/ação um processo de intervenção fundamental para compor os espaços de fala e escuta do sofrimento laboral. Logo, a ação é muito mais que um ato de agir na organização do trabalho, mas sim, envolve um conjunto de subjetividade do coletivo (MENDES; ARAUJO, 2012; GHIZONI, 2013, GHIZONI; MENDES, 2014a).

Mendes e Araujo (2012) descreveram que a Clínica do Trabalho pode ser feita com dois grupos diferentes: 1) denominado de clínica da cooperação, com integrantes de um mesmo coletivo, no qual possibilita criar espaços para compartilharem sobre o cotidiano de trabalho em que estão submetidos; 2) denominada de clínica das patologias, a qual prioriza a compreensão da história de adoecimento e violência dos sujeitos, não precisa ser, necessariamente, de um mesmo contexto e categoria profissional.

É importante citar que essas novas modalidades consolidaram-se após a realização de uma clínica do trabalho com catadores e catadoras de materiais recicláveis, desenvolvida por Ghizoni (2013) em sua tese. Esse primeiro contato seguiu a metodologia desenvolvida no Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho da Universidade de Brasília (UnB) e foi descrita em Mendes e Araujo (2012) (DUARTE, 2014).

Com o advento de uma nova proposta metodológica, desenvolvida por Mendes e Araujo (2012) no Brasil, pôde-se identificar que os dispositivos clínicos possuíam algumas limitações no que concerne à interpretação dos efeitos sobre a mobilização subjetiva do coletivo de trabalho. Diante desse cenário, a escuta psicanalítica lacaniana busca delinear a PdT aliada à prática, tendo em vista que as produções científicas no Brasil têm enfatizado somente a teoria, sendo que a proposta é que se torne uma práxis acerca das relações de sofrimento no trabalho (GHIZONI, 2013).

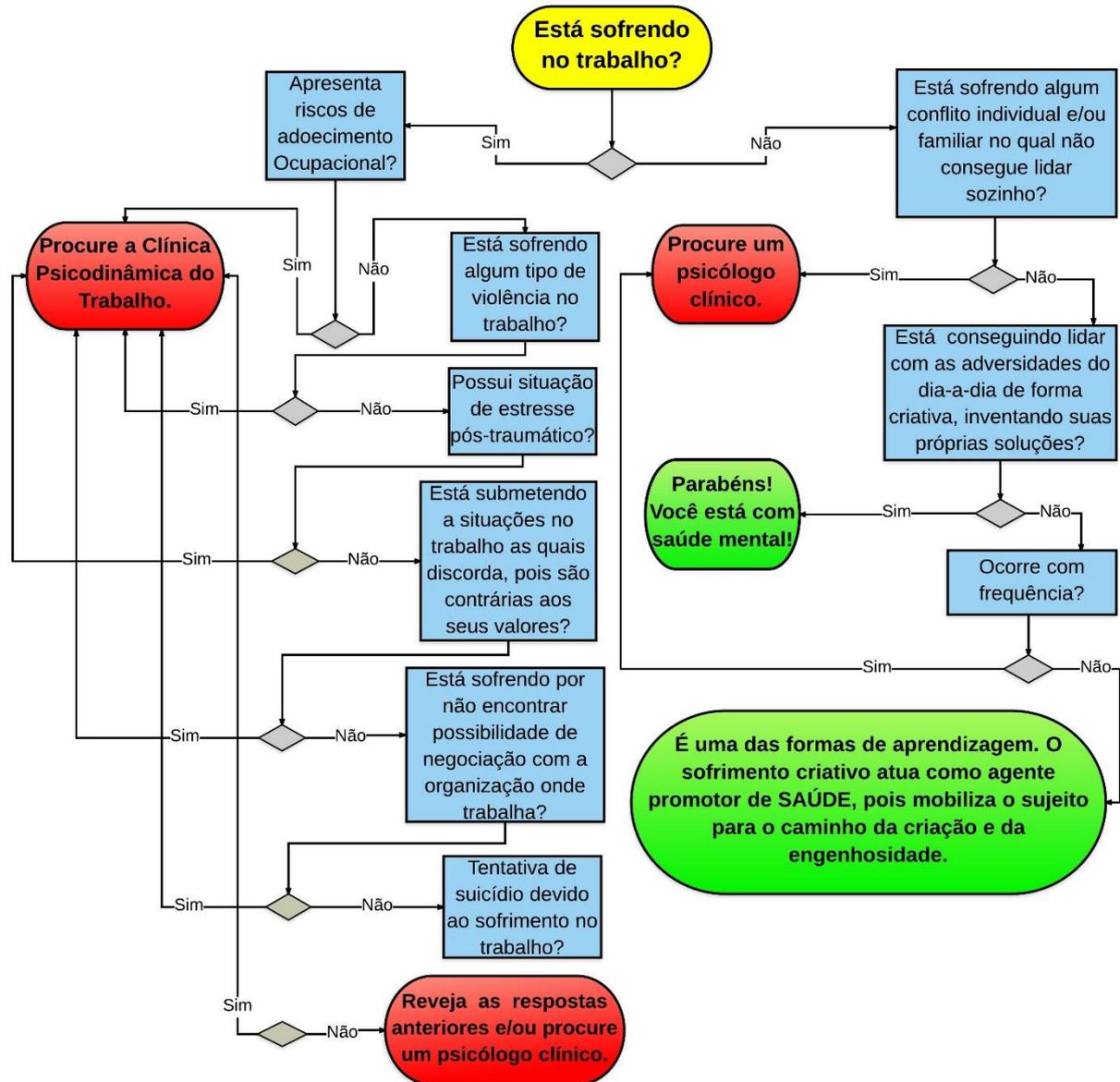
Assim, Mendes propõe algumas modificações para os dispositivos clínicos, os quais permanecem embasados na Psicanálise e orientados pela clínica lacaniana. Essa inovação acrescenta o dispositivo do “silêncio” (GAMA et al., 2016).

Estudos conduzidos atualmente no Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho da Universidade de Brasília investigam a maneira como esses dispositivos podem contribuir para uma escuta psicanalítica do sofrimento no trabalho. Escuta que perpassa o sofrimento, já que esse que não é acessado de forma direta, mas sim pelas defesas muitas vezes representadas a partir dos sintomas (GAMA et al., 2016, p. 43).

Dessa forma, pôde-se verificar que as metodologias divergem-se na profundidade da escuta dos conteúdos manifestos e latentes acerca do trabalho, bem como no tempo para as elaborações e perlaborações ocorrerem, ao passo que as entrevistas individuais, coletivas ou até mesmo o grupo focal não conseguem abordar a complexidade e a subjetividade dos trabalhadores em sofrimento, pois precisam de espaços que proporcionem a fala e escuta desses sujeitos (MENDES; ARAUJO, 2012).

Em síntese, para melhor compreender a Clínica Psicodinâmica do Trabalho e suas aplicações, criou-se um fluxograma (Fluxograma 1) com o intuito de esclarecer quais são as demandas e público-alvo da Clínica Psicodinâmica do Trabalho. Apresenta-se, também, as diferenças entre a clínica do sujeito (psicologia clínica) e a clínica social, a fim de esclarecer em que medida a Clínica PdT (clínica social) se diverge da clínica do sujeito, buscando, sobretudo, sistematizar o objetivo da Clínica PdT em Mendes e Araujo (2012). Esta abordagem tem como foco a ressignificação do trabalho e a mobilização da subjetividade por meio da utilização dos dispositivos psicanalíticos lacanianos.

Fluxograma 1 – Público-alvo da Clínica Psicodinâmica do Trabalho



Fonte: Elaborado pela autora.

2.1.2 A Clínica da Atividade

Nessa abordagem, o trabalho constitui uma atividade em constante recriação de formas de viver, para além de uma tarefa, mas sim, considerando uma atividade dirigida, histórica e processual. Ele é apreendido a partir de um projeto que visa a transformação do real e inclui a construção de significados pessoais e sociais (CLOT, 2011). Ainda na perspectiva deste autor, a subjetividade é construída pela e na atividade. Depreende-se, então, que o reconhecimento aqui baseia-se na capacidade do sujeito em reconhecer-se a partir da atividade, diferenciando assim, da compreensão da clínica PdT.

A Clínica da Atividade originou-se na França e foi divulgada no Brasil a partir dos anos 90, tendo como autores principais Yves Clot e Daniel Faita, os quais embasaram-se nos princípios da teoria de Vygotsky, Leontiev e Bakhtin (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011). Yves Clot ficou conhecido como o fundador da Clínica da Atividade e, em 1990, foi convidado para trabalhar com Christophe Dejours no CNAM (Conservatoire National des Arts et Métiers). Em 2004, conseguiu seu próprio espaço no departamento, local onde priorizou seus estudos sob o enfoque da Clínica da Atividade (CLOT, 2006).

Lhuillier (2011) aponta que as características centrais dessa clínica são a atividade e a subjetividade. Enfatiza a busca de recursos que possam viabilizar a compreensão das condições do trabalho real em prol do aumento do poder de agir sobre si e o mundo, seja coletivamente ou individualmente. Logo, atribui uma importância ao “poder de agir” dos sujeitos em seu contexto de trabalho, visando que eles criem condições psicossociais para apropriarem-se das atividades, seja de forma reflexiva ou em ações conjuntas, para lidar com questões que causam limitações sobre alguma atividade comum.

No que tange ao método proposto por esta clínica, verificou-se que é por meio da Autoconfrontação Cruzada (ACC) que constrói o diálogo entre profissionais, os quais são estimulados por um vídeo da sua própria atividade, para então, recuperar as controvérsias e estimular o sujeito a adquirir a apropriação. Esta metodologia de intervenção trabalha a partir das verbalizações emitidas nas imagens, conduzindo o sujeito a se procurar na perspectiva do “outro”. É imprescindível que o sujeito fale de si a respeito do vídeo em atividade, na medida em que esse comentário também é gravado, para depois ser confrontado com a fala de outro colega de trabalho (CLOT, 2006).

Desse modo, a análise da atividade pode ser melhor compreendida a partir da definição de Lhuillier (2011), no qual propõe uma

[...] noção de situação de trabalho entendida de uma dupla perspectiva – diacrônica e sincrônica - que abrange, além da própria atividade, dispositivos de distribuição do trabalho, de avaliação do trabalho, as modalidades de remuneração, a formação, a progressão profissional e, de maneira mais geral, os vetores de sentido e de reconhecimento perspectivado do trabalho – no trabalho (LHUILIER, 2011, p. 46).

Clot realizou palestras no Brasil e foi possível verificar as alterações que estavam ocorrendo na teoria proposta por ele no cenário brasileiro. De tal modo que, para o autor, os pesquisadores ao utilizarem seus pressupostos teórico-

metodológicos, não estariam seguindo o que verdadeiramente propusera quando fundou a Clínica da Atividade na França. Afirmou, ainda, que estava ocorrendo uma intensa desconfiguração das suas diretrizes metodológicas, uma vez que em alguns estudos brasileiros “teria dificuldade em reconhecer” sua teoria diante das ações desenvolvidas em determinadas pesquisas empíricas (CLOT, 2007; 2010a).

Diante o exposto, nota-se uma diversidade, por parte dos pesquisadores brasileiros sobre apropriação do método da Clínica da Atividade. Logo, abre espaço para pensar a importância de considerar as possíveis especificidades de uma regionalização das Abordagens Clínicas do Trabalho. Estas são pensadas enquanto dispositivo científico, teórico e metodológico a partir de uma determinada matriz sociocultural totalmente divergente do contexto brasileiro (FONSECA; OLIVEIRA, 2012). Clot, por sua vez, expõe que “[...] o problema dos métodos é, sem dúvida, um dos que suscitam um maior número de questões teóricas, justamente em razão do fato de que a técnica – tanto na pesquisa quanto na intervenção – está sempre bastante exposta às surpresas do real” (2010a, p. 118).

Desse modo, pode-se afirmar que a Clínica da Atividade é pautada na clínica do real, ou seja, não considera o reconhecimento pelo outro como a PdT. Logo,

qualquer intervenção que tenha por base a clínica da atividade deveria, portanto, reconhecer quatro dimensões básicas que formatariam a chamada estrutura dinâmica da atividade. A atividade seria, ao mesmo tempo: a) irredutivelmente **pessoal**; b) **interpessoal**, pelo fato de ser uma atividade dirigida para os outros; c) **transpessoal**, porque é atravessada pela história coletiva do trabalho; e d) **impessoal**, na medida em que advém da prescrição (FONSECA; OLIVEIRA, 2012, p. 40, grifo do autor).

Para maiores aprofundamentos sobre a Clínica da Atividade, sugere-se a leitura dos estudos de Lima (2007); Anjos e Magro (2008); Clot (2006, 2007, 2010a, 2010b, 2011), pois discorrem como essa abordagem entende o fenômeno laboral e, também, acrescentam os principais achados que puderam levantar a partir dessa perspectiva que foca, sobretudo, na atividade.

2.1.3 Psicossociologia/ Sociologia Clínica

A psicossociologia, também pode ser denominada de Psicologia Social Clínica ou Sociologia Clínica, possuindo um vasto leque de abordagens. Um aspecto interessante dessa teoria consiste na perspectiva dual do sujeito, de um lado, aquele que possui elementos intrapsíquicos singulares (inconsciente), do outro, um sujeito que está imerso no universo social. A partir dessa díade, a psicossociologia, busca

entender as relações e reciprocidade entre o individual e o coletivo, como também o psíquico e o social (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011).

Segundo Bendassolli e Soboll (2011), o objeto de estudo dessa abordagem consiste em analisar o sujeito a partir da sua vida cotidiana, nos grupos, organizações e instituições. Inicialmente, apropriava-se do método da pesquisa-ação, contudo, optou por desenvolver o papel de pesquisador-interventor, ou seja, almeja transformar grupos, organizações e instituições. Os pesquisadores que obtiveram destaque nessa perspectiva são Vincent de Gaulejac, Eugène Enriquez e Max Pagès.

A Intervenção Psicossociológica é a metodologia própria utilizada pela Psicossociologia e foi Pagès (1976) quem primeiro empregou o conceito. Utilizada a partir dos pressupostos clínicos de uma análise interpretativa, essa intervenção constitui tanto uma metodologia prática da mudança como uma metodologia de pesquisa, tendo como sua primeira característica a união entre pesquisa e prática (SOLDERA, 2016, p. 20).

Para Carreteiro e Barros (2011), a psicossociologia é um campo disciplinar muito dinâmico, visto que desde a sua formação tem sofrido transformações teóricas e, também, alterações nas formas de análise do seu objeto de estudo. Com o intuito de contextualizar essas modificações, pode-se afirmar que, inicialmente, Lewin, Moreno e Rogers trouxeram contribuições valiosas. Depois, a psicanálise freudiana se destacou, bem como as obras de Bion. As disciplinas de história e política começam a ganhar mais evidência. No Brasil, o estudo da psicossociologia tem se desenvolvido bastante, nos últimos anos, conforme apontam as autoras.

Nessa lógica, os objetos tratados são os pequenos grupos e, depois, as organizações e instituições. Consta-se que, atualmente, considera-se o modo de olhar para as análises de trabalho de forma mais ampla, possibilitando concluir que os elementos anteriores não são abandonados, mas sim, constituem aspectos sociopolíticos e históricos que são relacionados com a sociedade propriamente dita (CARRETEIRO; BARROS, 2011).

Dessa forma, Carreteiro e Barros (2011) afirmam que

a psicossociologia não tem um objeto próprio. Trabalha com as demandas que lhe são endereçadas, buscando transformações sociais, priorizando a relação entre o indivíduo e a sociedade e convoca desse modo a conexão entre diversas disciplinas. Considera que todo objeto de trabalho (estudo, pesquisa e/ou intervenção) é dinâmico e multifacetado, ou seja, não é estático e uno (CARRETEIRO; BARROS, 2011, p. 209).

As conclusões de Elton Mayo (1880 – 1995) a partir da pesquisa-ação, enfatizam o quão é crucial sentir-se seguro e pertencer a um coletivo de trabalho. Seu objetivo era que os sistemas sociais melhorassem, para que fossem compatíveis com

as metas impostas pelos sistemas técnicos e, por conseguinte, objetivava criar condições para uma cooperação em busca de uma produtividade (LHUILIER, 2011).

Para a Psicologia Social, o resultado mais importante da pesquisa é a manifestação de que o sujeito reage às condições concretas do meio conforme às experimentam, não como realmente são. Pois, os indivíduos são seres sociais e suas experiências são traduzidas a partir das normas, grupo em que trabalha ou vive e, ainda, ao grau de pertencimento deste grupo (LHUILIER, 2011).

Vale reiterar que no campo da psicossociologia, o trabalho é essencialmente um encontro e troca com os demais. É por meio dele que o sujeito é convidado a “sair de si”, buscando construir uma obra útil pautada no planejamento e engajamento para os outros. Este modo de agir no coletivo permite a realização de si, na medida em que, concomitantemente, inscreve-se em uma história coletiva (CARRETEIRO; BARROS, 2011).

Partindo desse entendimento do trabalho, Carreteiro e Barros (2011) elegem um aspecto fundamental para a psicossociologia: a relação entre individual e coletivo, o psíquico e o social, o particular e o geral. Isto traduz a dimensão da participação dos sujeitos para a psicossociologia, sejam envolvidos na pesquisa/intervenção, bem como àqueles que têm como princípios a troca de saberes, pautando-se nas questões éticas.

Yung (2013) acrescenta que

[...] é possível perceber que a Sociologia Clínica é um campo que reconhece a formação múltipla do sujeito e busca entender como o indivíduo se desenvolve e lida com sua existência social em meio a tantas determinações. Fundamentalmente, esse campo compreende que a apreensão sociológica das significações sociais ocorre quando se penetra o vivido através da historicidade expressa em narrativas (YUNG, 2013, p. 70).

Desse modo, pode-se dizer que o trabalho do psicossociólogo ocorre simultaneamente em duas dimensões: as que estão relacionadas às transformações sociais e aos remanejamentos psíquicos. Assim, a contribuição para as clínicas do trabalho está voltada, essencialmente, para os estudos das reciprocidades e tensões entre o psíquico e social, o individual e o coletivo, em um universo de funcionamento laboral. Lhuilier (2005) corrobora dizendo que o trabalho é o cenário onde atuam simultaneamente diversas relações: relação do indivíduo consigo, com o outro e com o real. Nos estudos de Machado (2010) e Lhuilier (2014) pode-se verificar maiores aplicações dessa teoria.

2.1.4 Ergologia

Esta abordagem foi fortemente representada pelos trabalhos do francês Yves Schwartz, seu fundador, o qual busca, primeiramente, conhecer o trabalho para depois intervir e transformá-lo, pautando-se no conhecimento da atividade humana em suas diversas dimensões. A Filosofia da vida (Canguilhem) e a ergonomia da atividade (Wisner) são os principais fundamentos e construtos teóricos dessa abordagem (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011).

De acordo com Bendassolli e Soboll (2011),

a ergologia parte do princípio de que a atividade, ao exigir um debate perpétuo de experiências e conceitos, é responsável por uma aprendizagem permanente das normas e valores, projetando o ser vivente a um constante processo de conhecimento-transformação da sua atividade (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011, p. 12).

O objetivo da intervenção na ergologia é incitar os trabalhadores a falarem sobre a sua atividade, com o intuito de torná-la comunicável e submetê-los ao confronto de saberes. Assim, consolidam como propósitos dessa abordagem “o dispositivo dinâmico de três polos”, na medida em que articula conceitos, busca averiguar a dimensão histórica da situação de trabalho e, ainda, abre espaço para debater os valores (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011).

Athayde e Brito (2011) revelam que o Brasil é o país com maior presença da perspectiva da ergologia, um vez que propõe uma análise “situada”, acreditando que o ser humano é potente e, dessa forma, pode compreender e transformar, ao mesmo tempo, o que está em jogo. Logo, possui potencial para (re)inventar-se, bem como para criar estratégias voltadas para o entendimento do real a partir de condições inovadoras. Diante desse cenário, tais autores hipotetizam que talvez o que atrai nessa abordagem o povo brasileiro é o “desconforto intelectual” frente à complexidade de questões problemáticas encontradas nas situações de trabalho deste país.

Por sua vez, ousam a dizer que

[...] os conceitos ergológicos mostram-se úteis para desvendar “enigmas” do trabalho no Brasil e os contornos dos problemas que atingem os processos produtivos e os trabalhadores. [...] torna-se uma exigência se desejarmos ter alguma influência crítica e proativa sobre os modos preconceituosos e autoritários como se lida com os mundos do trabalho no Brasil (ATHAYDE; BRITO, 2011, p. 274).

O objetivo dessa teoria é tornar o mundo do trabalho comunicável, bem como submetê-lo à confrontação de diversos saberes. Para tanto, tem como características importantes a exposição da palavra sobre a atividade daquele que participa do seu contexto. Vale destacar que desde o início, Yves Schwartz não buscava elaborar uma

disciplina sobre as questões voltadas para o trabalho, mas tinha como foco contribuir para a compreensão da complexidade sobre o mundo do trabalho. Em decorrência disso, volta-se para estudos com temáticas relacionadas à atividade humana, tendo como intervenção o diálogo (palavra) do trabalhador (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007).

A metodologia da Teoria Ergológica é representada pelo Método da Autoconfrontação (MAC), o qual é caracterizado quando o trabalhador se submete à imagem de seu próprio trabalho e, ao mesmo tempo, solicita que este expresse em palavras a atividade que desenvolve (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007). Contudo, Trinquet (2012) pontua uma dificuldade metodológica presente nessa abordagem:

reside no fato de que, ao falar da atividade do assalariado, introduzimos-nos, infiltramos-nos em sua intimidade, em sua atividade interior, que é muito pessoal. [...] ele nos descreve seu trabalho prescrito, seu posto de trabalho. E para ele, seu trabalho é isso e nada mais (TRINQUET, 2012, p. 96).

Schwartz (2002) afirma que o trabalho é uma forma de atividade do homem. Tal atividade refere-se a um contexto permeado por diversas análises e julgamentos sobre o trabalho prescrito e, também, reflete como as pessoas se mobilizam para cumprir a gestão dos objetivos de trabalhos definidos pela organização. Assim, pode-se concluir que a ergologia volta-se para uma relação social que busca o desenvolvimento humano de cada indivíduo no seu contexto de trabalho, considerando o viés econômico e social. Nessa teoria, o ser humano é colocado no centro de todas as preocupações, sendo o trabalho, enquanto atividade, algo essencial para o homem.

De acordo com Trinquet (2012), nota-se que o trabalho nos dias atuais, em sua maioria, constitui uma atividade que causa sofrimento, aliena, traumatiza e até pode provocar a morte. Todavia, esclarece que

não é o trabalho, em sua função fundamental e ontológica, que acarreta essas perversões, e sim as condições de trabalho que são impostas. Condições, por sua vez, imputadas pelos próprios Homens. Nesse caso, os Homens podem mudá-las, podem fazê-las evoluir favoravelmente ao interesse de todos e não somente ao interesse egoísta e perigoso de uns poucos (TRINQUET, 2012, p. 111).

Desse modo, pode-se destacar que as condições de trabalho consistem em uma questão inerente a todos, o qual não deve se restringir às questões voltadas somente ao tipo de nacionalidade. Mas o que realmente reflete é a condição do trabalho e a postura que os próprios indivíduos o assumem. “O trabalho não é só uma realização técnica e/ou mecânica, a qual muitos o reduzem. É preciso admitir que o trabalho e o Homem estão íntima e enigmáticamente ligados.” (TRINQUET, 2012, p.

96). Para verificar estudos que utilizaram a Ergologia como teoria basilar, sugere-se a leitura dos seguintes artigos: Schwartz (2011) e Trinquet (2012).

2.1.5 Intersecções teóricas entre as abordagens das Clínicas do Trabalho

De modo geral, constatou-se que apesar destas abordagens clínicas relacionadas ao trabalho divergirem-se em alguns aspectos, também possuem argumentos em comum, nos quais foram muito bem sintetizadas por Bendassolli e Soboll (2011) em 4 aspectos:

- 1) Todas têm interesse pela ação no trabalho, embora a clínica da atividade atribua maior ênfase nesse “poder de agir” dos sujeitos no contexto laboral;
- 2) Outro aspecto é o entendimento sobre o trabalho, pois não restringem-se à finalidade econômica. As Clínicas do Trabalho buscam ir além desse entendimento, considerando o sofrimento do sujeito (real) e suas relações com a organização do trabalho (prescrito). Buscam restituir o confronto com homem, a natureza e, sobretudo, consigo mesmo e com os outros. Em outras palavras, o trabalho pode ser fonte de sofrimento, mas possui várias formas de manifestação, desde o cunho social, econômico e cultural.
- 3) Convergem ao defender uma teoria do sujeito. Por exemplo, na PdT o sujeito possui desejos, voz, conflitos intrapsíquicos, sofrimento, busca prazer no trabalho e uma mobilização da subjetividade em espaços que possibilitam a fala e escuta de um clínico-pesquisador. Na clínica da atividade, o sujeito é considerado a partir das construções sócio-históricas, por gêneros discursivos e, ao entrar em contato com a atividade, confronta com o real, desenvolvendo e se afirmando.
- 4) O último ponto convergente destacado pelos autores é que as Clínicas do Trabalho preocupam-se com a vulnerabilização do sujeito e dos coletivos de profissionais. Existe a emergência pela compreensão do sofrimento do trabalho, porém, ressalva-se que não restringem-se à patologia, mas sim, primam pela saúde mental, a criatividade, bem como pela emancipação e superação das dificuldades vivenciadas no trabalho real, distantes do que é prescrito pelas organizações de trabalho.

Vale citar que o trabalho era um mecanismo utilizado como fonte de sobrevivência na pré-história e na história antiga. Com o passar dos anos, mudaram-

se as concepções e, atualmente, envolve a busca pelo prazer e autorrealização, para além dos fins lucrativos e de autossustento, mas também, faz parte da construção da subjetividade do sujeito. Assim, o trabalho é um fator muito importante de ser estudado, ao passo que ocupa uma posição central na vida das pessoas, inserindo-as no meio social, propiciando espaços coletivos para construção e fortalecimento dos laços sociais (MERLO; BOTTEGA; PEREZ, 2014).

No século XIX, o trabalho foi fortemente estudado por Karl Marx, tornando-se o centro de suas análises no que tange à alienação e à exploração dos trabalhadores, considerava, também, a influência do cenário econômico (capitalismo) nesses contextos. Posteriormente, Hannah Arendt, dissertou em “A condição humana”, três atividades fundamentais sobre essa temática: 1) labor, enquanto processo biológico que busca a sobrevivência; 2) o trabalho, como um dispositivo que altera a relação do homem com a natureza; 3) a ação que, por sua vez, é o exercício direcionado ao homem, representando a pluralidade da condição humana e a liberdade. Estes estudos permitiram compreender a sociedade contemporânea a partir de novas perspectivas (WAGNER, 2002).

Dejours (2004) corrobora com essas críticas relacionadas à exploração do trabalhador, tendo em vista que essa alienação tem catalisado condições humanas deletérias, desconsiderando a subjetividade do sujeito. Assim, “o trabalho é a atividade coordenada de homens e mulheres para defrontar-se com o que não poderia ser realizado pela simples execução prescrita de uma tarefa de caráter utilitário com as recomendações estabelecidas pela organização do trabalho” (DEJOURS, 2011, p. 161). Ainda na perspectiva desse autor, o trabalho é um dos pontos centrais para a emancipação do sujeito. No âmbito psicológico, é o mediador fundamental entre o inconsciente e o campo social, ou seja, é por meio do trabalho que o sujeito liberta-se do peso existente nas relações sociais.

Com a expansão do trabalho na contemporaneidade, as empresas de *call centers* e telemarketing, Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), têm buscado cada vez mais reduzir o tempo de circulação do capital, incentivando assim, a expansão de um novo proletariado do mundo industrial. Essa era é marcada pela informalização do trabalho e, por conseguinte, a contratação dos serviços terceirizados, subcontratados e flexibilizados aumentaram consideravelmente. Antunes (2014) denominou esta maneira de gerir o capital como uma nova fase do capitalismo no Brasil, a qual abrange desde operariado industrial e rural, até os

assalariados de serviços, os terceirizados, subcontratados, porém, essas modalidades de trabalho têm desencadeado novas lutas sociais e sindicais (ANTUNES; BRAGA, 2009; ANTUNES, 2014).

Em decorrência do padrão de acumulação capitalista, a exploração da força de trabalho tem aumentado, desencadeando a redução das vagas de empregos e, em contrapartida, os serviços aumentaram de forma exponencial neste período. Logo, o sujeito depara-se com a precarização dos contratos e com leis trabalhistas flexíveis. Diante desse cenário, o trabalho tem sido questionado como referência social, criticado, resignificado e resgatado por diversos teóricos desse campo (MERLO; BOTTEGA; PEREZ, 2014; ANTUNES, 2014). Seligmann-Silva (2011, p. 18) destacou que devido à “intensificação das pressões, temores e incertezas”, os trabalhadores estão sendo alvo da expansão do “sofrimento social”.

Nota-se, portanto, que a relação saúde-trabalho há anos tem sido estudada, sendo o objeto de pesquisa da psicodinâmica e de várias abordagens críticas relacionadas ao trabalho. Um dos motivos que podem justificar o interesse nessa área, consiste nos efeitos que as organizações de trabalho e modelos de gestão contemporâneos têm causado na saúde dos trabalhadores.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde é conceituada com um estado de completo bem-estar físico, mental e social, não restringe-se apenas na ausência de doença ou de qualquer enfermidade. Sublinha, ainda, que o gozo do melhor estado de saúde é um dos direitos fundamentais de todo o ser humano, sem distinção de raça, religião, crenças políticas e condições econômicas ou sociais (WHO, 2006).

Vale ressaltar que a definição de saúde proposta pela OMS possui várias críticas, seja por uma condição difícil de ser atingida, quiçá utópica. Todavia, alguns teóricos reconhecem o avanço desse conceito no campo da saúde, haja vista que considera variáveis externas (sociais) e, também, psicológicas, abstendo-se da ditadura biologizante que restringem às noções médicas. Logo, para a Psicologia, a saúde tem sido muito abalada por adoecimentos potenciais devido aos fatores emocionais e psíquicos envolvidos nessa relação (BORUCHOVITCH; MEDNICK, 2002).

Dejours critica o conceito de saúde descrito pela OMS, categorizando o “completo bem-estar” como uma ficção ou um ideal. Assim, Dejours, Dessors e Desriaux (1993, p. 104) afirmam que “a saúde não é um estado, mas um objetivo que

se remaneja sem cessar. Não é alguma coisa que se tem ou não se tem, mas que se tenta conquistar e que se defende, como a liberdade”. Logo, a saúde não se configura apenas como responsabilidade dos “outros” (Estado, instituições, médicos, etc.), mas é, antes de tudo, responsabilidade de cada um.

3 METODOLOGIA

Realizou-se um levantamento bibliográfico da produção nacional nas bases de dados BVS-Psi e BDTD, além da análise internacional nas bases MEDLINE/PubMed e DOAJ. A consulta às bases de dados, empreendida para este estudo de revisão, se deu no período de agosto de 2016 a outubro de 2016. As buscas dos artigos, dissertações e teses foram realizadas por meio do descritor “clínica psicodinâmica do trabalho” nas bases nacionais e “*psychodynamic clinical work*” nas bases internacionais.

A revisão sistemática é um tipo de estudo retrospectivo e secundário, o que significa dizer que a consecução da pesquisa foi desenhada e conduzida a partir da publicação de outros estudos sobre um determinado tema (SAMPAIO; MANCINI, 2007). Cabe pontuar que já foram realizados quatro estudos no Brasil com a proposta de revisão sistemática na área da Psicodinâmica do Trabalho. Inicialmente, Merlo e Mendes (2009) teceram algumas perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil e, posteriormente, Ghizoni, Mendes e Corgozinho (2013) estudaram a clínica psicodinâmica do trabalho, analisando o método empregado nos estudos selecionados para a revisão. Depois, Duarte (2014) fez uma atualização com os materiais científicos que utilizaram a PdT. Em 2015, Giongo, Monteiro e Sobrosa publicaram um artigo de revisão sistemática sobre a Psicodinâmica do Trabalho no Brasil. Ressalta-se, entretanto, que o diferencial desta revisão é focar nas práticas em clínica psicodinâmica do trabalho e não nos estudos (teóricos ou empíricos) que fizeram uso da PdT como categoria de análise teórica.

A presente pesquisa buscou atualizar estes dados, a fim de apresentar como tem sido discutida e realizada a prática clínica na abordagem da psicodinâmica do trabalho nos últimos cinco anos (janeiro de 2011 a outubro de 2016). Para tanto, novas categorias de análise foram criadas, assim como, realizou-se levantamentos bibliográficos em bases de dados nacionais e internacionais. O critério de escolha destas fontes ocorreu por serem consideradas abrangentes e possuírem consistência na apresentação dos dados científicos.

Diante o exposto, as bases de dados bibliográficas eletrônicas utilizadas neste estudo foram: a Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-Psi), a qual realiza a indexação de teses, monografias, textos didáticos, Index Psi Livros, Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), PePSIC (Periódicos

Eletrônicos de Psicologia) e SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), bem como permite realizar serviços de busca avançada na consulta aos periódicos e catálogos indexados nessa plataforma.

A Base de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foi descartada por não conter busca avançada e disponibilizar os mesmos recursos que a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) possui, tais como: consulta *online* de teses e dissertações produzidas no Brasil e modo de busca avançada. A *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online/PubMed* (MEDLINE/PubMed) e *Directory of Open Access Journals* (DOAJ) permitem o acesso a um banco de dados gratuito com as citações, resumos e alguns artigos internacionais, no entanto, os estudos encontrados não atendiam aos critérios de inclusão deste trabalho.

Em todas as bases foram selecionadas a opção de busca avançada, selecionando o país de busca; o assunto a ser pesquisado, que neste caso é a clínica psicodinâmica do trabalho; e o intervalo desejado, o qual teve início em janeiro de 2011 até o mês de outubro do ano de 2016. Diante dos resultados obtidos nas buscas de dados, foi realizada a leitura dos títulos, dos resumos e, em alguns casos, dos textos completos para não correr o risco de descartar estudos relevantes.

Os critérios de inclusão foram estudos que desenvolviam e descreviam práticas clínicas embasadas na PdT, nos últimos cinco anos (janeiro de 2011 a outubro de 2016), disponíveis nas bases de dados *online*, anteriormente descritas. Sobre os critérios de exclusão, considerou-se: pesquisas bibliográficas sobre a PdT; estudos empíricos mas que não faziam uso da clínica psicodinâmica do trabalho; materiais que não disponibilizavam textos completos; que não estavam dentro do período estipulado (janeiro de 2011 a outubro 2016); artigos repetidos entre as bases ou que não possuíam relação com o assunto pesquisado. Vale sublinhar que os estudos que não correspondiam ao ano da publicação estipulado para esta pesquisa foram automaticamente descartados pelas bases de dados, de acordo com os critérios do modo busca avançada.

No total das buscas foram identificados 142 trabalhos. Destes, 1 foi excluído por não disponibilizar texto completo, sendo o único encontrado nas bases de dados internacionais que poderia ter relação com o assunto pesquisado, 2 foram descartados por estarem repetidos entre as bases, 90 foram eliminados por conteúdo

ou por não atenderem ao critério de estudo empírico. Foram aproveitados 50 trabalhos, dentre eles, têm-se: 16 artigos, 25 dissertações e 9 teses.

Com o intuito de refinar a análise dos 50 materiais aproveitados foram criadas categorias organizadas da seguinte forma: (a) tipo de publicação, a qual foi identificado se o material era um artigo (empírico), dissertação ou tese; (b) ano de publicação dos estudos; (c) regiões pesquisadas, índice de produção científica das universidades; (d) metodologia adotada: Dejours, adaptação às propostas de Dejours ou Mendes e Araujo; (e) categorias profissionais investigadas e seus respectivos vínculo empregatício; (f) principais resultados foram analisados qualitativamente e organizados em tópicos de acordo com os resultados declarados pelos materiais. Ressalta-se que os principais resultados foram categorizados a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). As demais fontes de análise foram avaliadas quantitativamente, de acordo com a frequência que apareceram nos estudos aproveitados.

Dessa forma, pode-se identificar que a apresentação sistemática dos dados com base nas categorias de análise escolhidas possibilitou a construção de um painel sobre o cenário atual dessas produções científicas e facilitou a identificação dos aspectos mais relevantes sobre como tem sido discutida e apresentada a prática clínica em Psicodinâmica do Trabalho.

4 RESULTADOS

Dentre os estudos analisados, levantou-se a quantidade sobre os tipos de publicações que utilizaram a prática clínica em PdT, as quais podem ser visualizadas na tabela abaixo (Tabela 1).

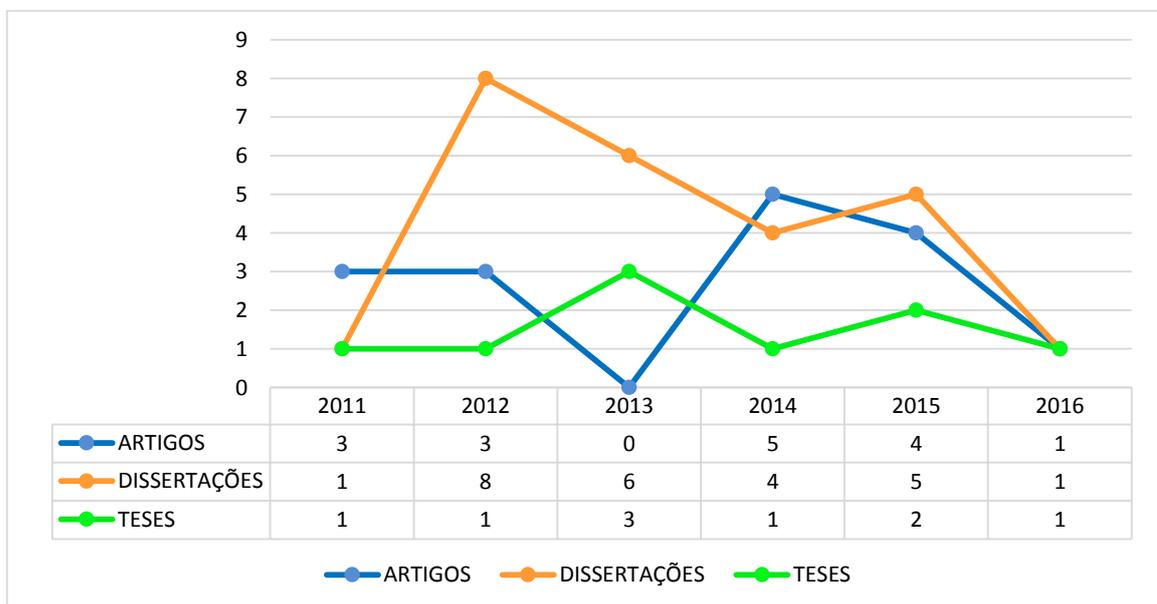
Tabela 1 – Tipo de Publicação

TIPO	QUANTIDADE
Artigo	16
Dissertação	25
Tese	09

Fonte: Elaborada pela autora.

A seguir, apresenta-se a quantidade das publicações desde o ano de 2011 até o mês de outubro de 2016, data em que o levantamento bibliográfico foi realizado, conforme está descrito na metodologia deste trabalho.

Gráfico 1 – Quantitativo da produção científica nacional sobre a Clínica Psicodinâmica do Trabalho a partir do ano de 2011 até o ano de 2016.



Fonte: Elaborado pela autora.

Levantou-se, também, o índice de publicações sobre a prática clínica em PdT por região demográfica. Foi possível constatar se Região Centro-Oeste (Tabela 2) é composta 17 (dezesete) estudos, sendo caracterizada como a área predominante de pesquisa voltada para o tema em questão. Seguida pelas Regiões Norte e Sul que apresentaram o mesmo total, 13 (treze). Em terceiro, a Região Sudeste com 4

(quatro) e, a Região Nordeste, ocupou o quarto lugar no ranking das mais estudadas no território nacional, sediando 3 (três) pesquisas sobre o assunto.

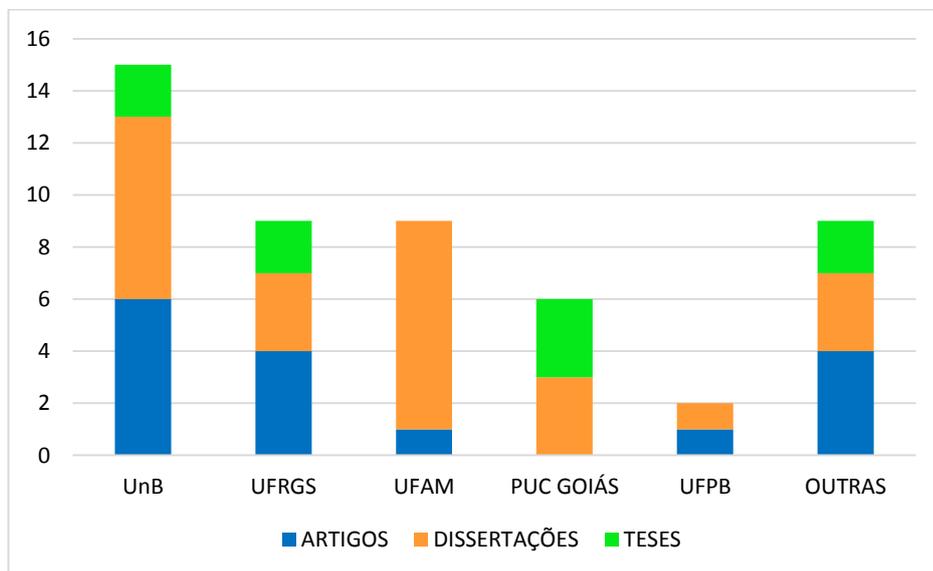
Tabela 2 – Regiões demográficas pesquisadas

REGIÃO	QUANTIDADE
Norte	13
Nordeste	3
Centro-Oeste	17
Sudeste	4
Sul	13
TOTAL	50

Fonte: Elaborada pela autora.

Segue uma representação gráfica da produção científica nas universidades do Brasil que publicaram sobre a prática clínica em PdT (Gráfico 2). Optou-se por categorizar como outras² as universidades que não apresentaram quantidade significativa de publicações na área (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Ranking da produção científica nas universidades nacionais sobre a Clínica Psicodinâmica do Trabalho

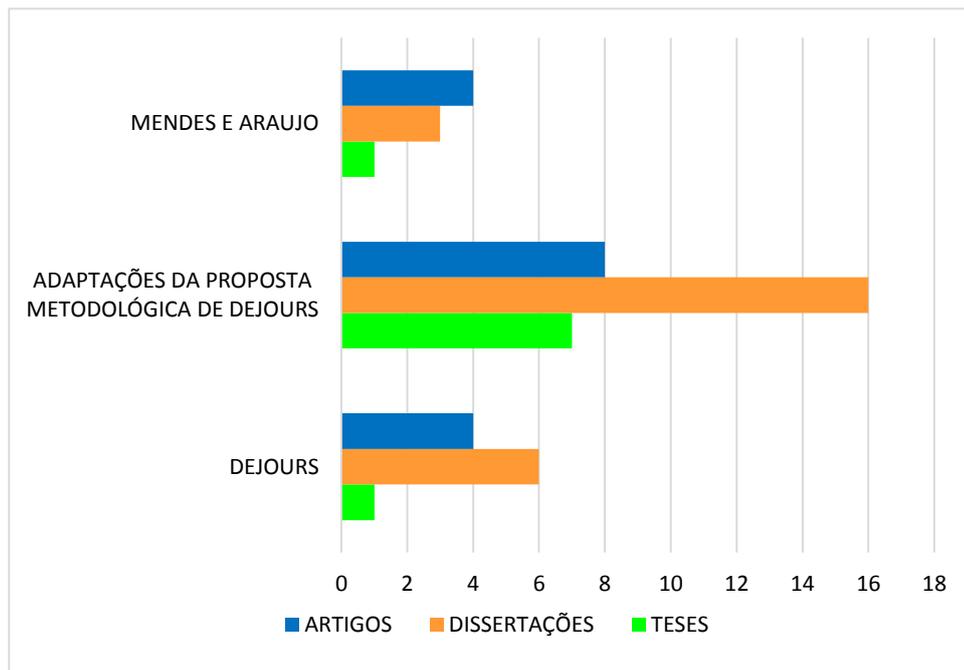


Fonte: Elaborado pela autora.

²Universidade Católica de Brasília (UCB), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Estadual Paulista (UEP), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI).

A seguir, estão ilustrados os três momentos da Clínica Psicodinâmica do Trabalho no Brasil, bem como o quantitativo de publicações que realizaram estudos empíricos utilizando as seguintes metodologias: Dejours; adaptações da proposta metodológica de Dejours e, Mendes e Araujo (Gráfico 3). Os estudos e seus respectivos autores encontram-se nos apêndices deste trabalho (Apêndices A e B).

Gráfico 3 – Ilustração das metodologias utilizadas nos estudos selecionados sobre a Clínica Psicodinâmica do Trabalho



Fonte: Elaborado pela autora.

Na sequência, tem-se a apresentação do quadro 1, o qual realiza uma síntese dos principais resultados que este estudo de revisão se propôs a investigar. Nessa direção, relacionou os objetivos específicos dessa pesquisa com os estudos analisados, a fim de integralizar os achados dessa revisão.

Quadro 1 – Relação dos objetivos da pesquisa com os estudos analisados

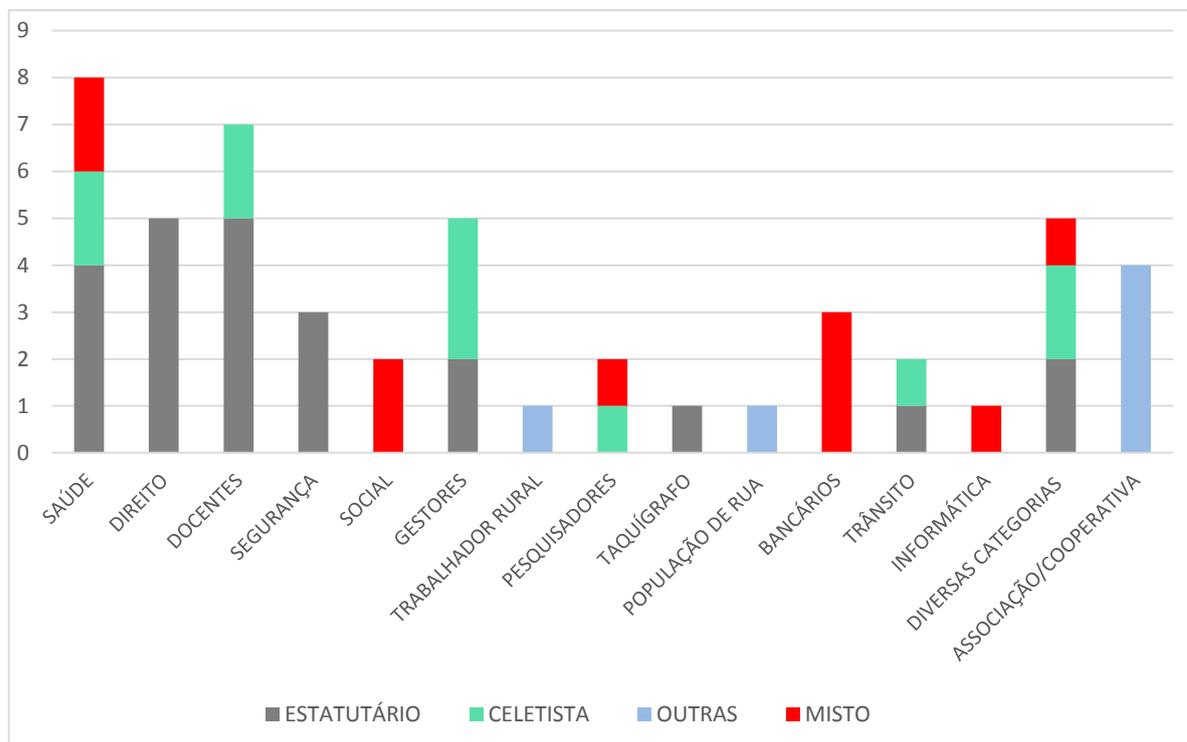
Características metodológicas das práticas em clínica PdT	Conduta: Pesquisadores-clínicos ou clínicos-pesquisadores?	Efeitos das práticas clínicas
A demanda também pode ser formulada pelos interessados em realizar a pesquisa, não somente pelas organizações.	Pesquisadores-clínicos: 31 estudos ³ .	Fonte de Prazer
Realização de grupos; Análise da demanda; Observação clínica; Interpretação; Supervisão.		Fonte de sofrimento
Escuta coletiva; Espaço coletivo de discussão; elaborações e perlaborações.		Estratégias Defensivas
Recursos para coleta de dados: utilização de questionários, inventários, entrevistas semiestruturadas e semiabertas.	Clínicos-pesquisadores: 19 estudos ⁴ .	Patologias
Materiais elaborados pelo coletivo de pesquisa: diários de campo, memorial, relatórios e transcrição dos relatos das entrevistas.		Mobilização Subjetiva
Validação dos resultados: Discussão pelo coletivo de supervisão; análise documental e planejamento da condução das sessões.		Intervenção

³ A amostra desse estudo sobre a conduta do pesquisador foi categorizada a partir dos materiais levantados na revisão sistemática, ainda que estes não expressassem o termo “pesquisador-clínico”, mas ao longo da pesquisa descreviam tal postura.

⁴ Foram considerados onze estudos que realizaram adaptações da proposta metodológica de Dejours, mas na pesquisa adotaram uma postura de clínico-pesquisador, mesmo que não tenha seguido integralmente o que Mendes e Araujo (2012) propunha, no entanto, não exige a postura de clínico-pesquisador que adotaram ao longo dos trabalhos. Somado aos oito estudos que tem suas metodologias ancoradas na proposta metodológica de Mendes e Araujo, totalizaram 19 pesquisas que tiveram uma conduta voltada para o fazer do “clínico-pesquisador”.

Buscou-se investigar as áreas profissionais que foram pesquisadas nos estudos selecionados para esta revisão e seus respectivos vínculo empregatício, quais sejam: estatutário; celetista; misto (estatutário e/ou celetista) e as categorias que não possuíam vínculo de acordo com a disposição da Lei 8.112 e/ou Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), foram integradas às categorias do grupo “outras”⁵ (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Categorias profissionais estudadas e seus respectivos vínculo empregatício



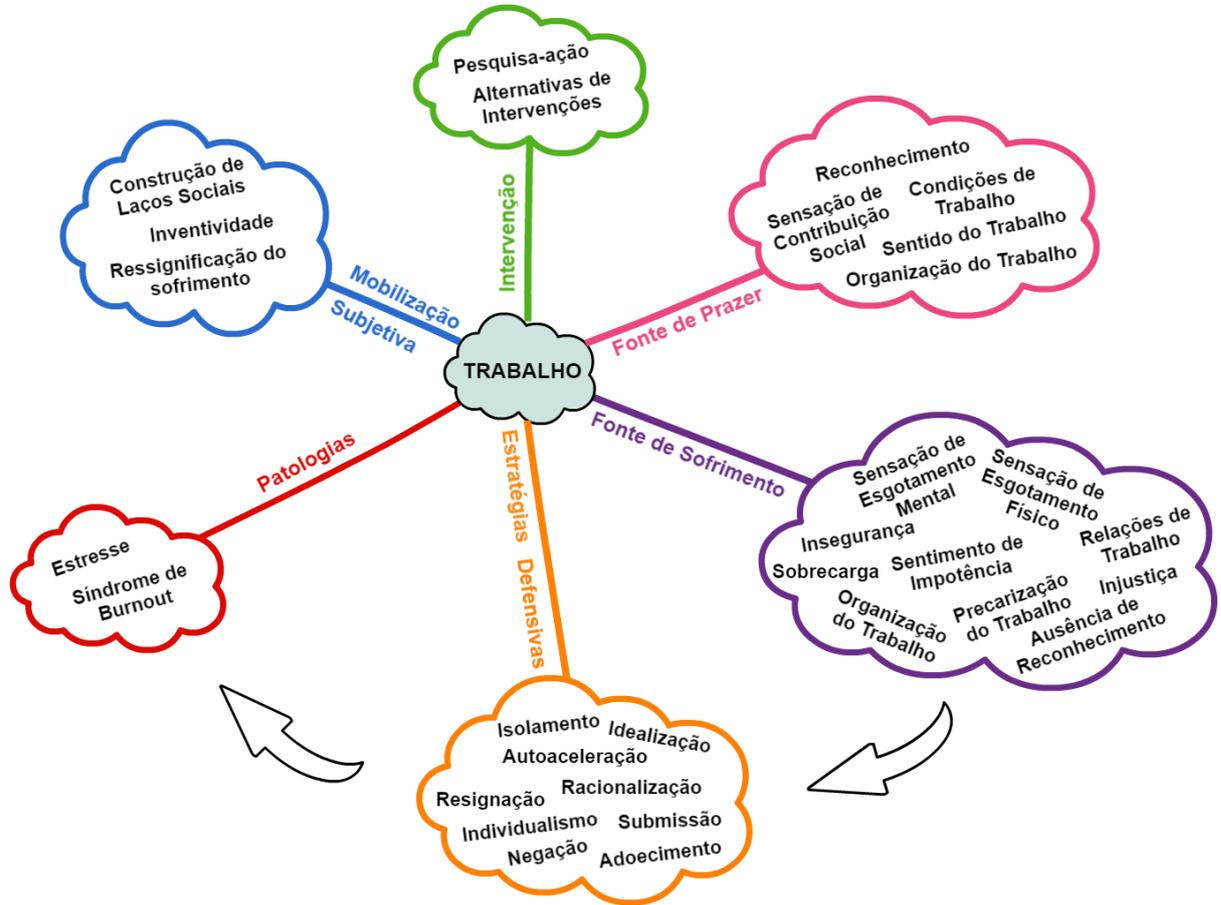
Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre as diversas produções científicas que foram selecionadas nesta revisão sistemática, elegeram-se os principais resultados a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Depois, as categorias foram criadas a fim de realizar uma análise de conteúdo sobre as diversas pesquisas que envolviam a prática clínica em PdT. No entanto, tais conceitos seriam muito abrangentes para poder delinear as diversas nuances e significados que envolvem o contexto laboral. Dessa forma, subcategorias foram criadas com o intuito de ampliar o entendimento dos diversos fatores que estão vinculados ao trabalho. Segue, então, a título de ilustração, um esquema das

⁵ Integram-se às categorias do grupo “outras” àquelas em que não são aplicadas as disposições da Lei 8.112 e/ou CLT.

categorias e subcategorias selecionadas para representar os achados deste estudo (Esquema 1).

Esquema 1 – Categorias de análise dos principais resultados



Fonte: Elaborado pela autora.

5 DISCUSSÃO

“O que é o homem na natureza? Um nada em comparação com o infinito, um tudo em face do nada, um *INTERMEDIÁRIO* entre o nada e o tudo.”

(Blaise Pascal)

Na coleta dos dados dentro do período da pesquisa nas plataformas (BVS-Psi, BDTD, MEDLINE/PubMed e DOAJ) foi possível selecionar 16 (dezesesseis) artigos, 25 (vinte e cinco) dissertações e 9 (nove) teses (Tabela 1). O tipo de estudo que obteve maior número de publicações foi a dissertação. No entanto, nenhum destes é produção científica internacional, uma vez que realizaram-se buscas em bases internacionais e apenas o artigo *“Clinical approach to work-related subjective processes: The perspective of psychodynamic of work”* poderia ter alguma relação com o tema em questão, porém foi descartado do levantamento bibliográfico por não disponibilizar o arquivo completo, apenas título, resumo e palavras-chave.

Desse modo, pôde-se levantar as seguintes hipóteses: as publicações sobre Clínica PdT no exterior estão sendo expostas com outra terminologia, ou pelo berço da abordagem ter sido na França, as buscas poderiam ter sido realizadas com descritor em língua francesa, o que entrará como agenda de pesquisa, ou não tem utilizado este descritor, ou estão disponibilizadas em bases pagas, o que é comum fora do Brasil, e não foi possível ter acesso neste estudo.

No Brasil, levantou-se a produção científica por ano, desde 2011 até 2016. Em 2011, realizaram-se 5 (cinco) publicações. Contudo, o ano de 2012 foi cenário do maior número de produções científicas, totalizando 12 (doze), seguido pelo ano de 2015, com 11 (onze). Em 2014, 10 (dez) produções foram realizadas. Nota-se que o ano de 2012 aumentou 59% em relação ao ano de 2011. Em 2013, houve uma redução das publicações se comparada ao ano anterior. Todavia, os anos seguintes (2014 e 2015) aumentaram as publicações gradualmente. Um dado relevante é que o ano de 2016 apresentou uma redução significativa em comparação aos demais, totalizando apenas 3 (três) publicações. Deve-se considerar que este levantamento bibliográfico foi realizado até o mês de outubro, no entanto, não se pode negar a discrepância da quantidade de publicações em proporção com o ano de 2015, representando uma queda de 72,73%, ou seja, aproximadamente quatro vezes menor em relação ao ano anterior. Sendo assim, este dado será retomado ao final do ano de

2016 para concluir os números, trata-se, portanto, de outra agenda de pesquisa, a qual consiste em atualizar o banco de dados em janeiro de 2017.

Infere-se, também, que são poucos artigos sendo publicados em relação ao quantitativo de dissertações e teses defendidas. O que implica em fortalecer a publicação em periódicos após as defesas. Vale considerar que algumas dissertações e teses em clínica psicodinâmica do trabalho ainda não foram publicadas em periódicos, podem estar tramitando nas revistas, ou nem terem sido submetidas.

Quanto à região demográfica e o índice de publicações, identificou que a Região Centro-Oeste realizou 17 (dezessete) pesquisas, com predominância nos estudos sobre a Clínica Psicodinâmica do Trabalho (Tabela 2). A UnB apresentou a maior quantidade de produções científicas sobre a Clínica Psicodinâmica do Trabalho, totalizando 15 (quinze) estudos, indo ao encontro dos resultados presentes na tabela 2, na medida em que está localizada na região Centro-Oeste. Destaca-se que o pioneirismo da UnB sobre a temática da clínica psicodinâmica do trabalho é fruto do primeiro estudo seguindo a metodologia dejouriana lá realizado, na década de 90. Outro marco que catalisou as publicações nessa área foi em decorrência da criação do primeiro Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho (LPCT/UnB) em 2006.

Cumprir delinear que ainda não foram publicados estudos com atendimentos individuais, entretanto, o projeto “Atendimento em Clínica do Trabalho” executado na Clínica Psicológica da Universidade de Brasília (CAEP) sugere a modalidade individual e coletiva, as quais visam realizar uma escuta clínica acerca do sofrimento decorrente do contexto de trabalho, embasando-se na teoria social e da psicanálise (MENDES, 2016).

A UFRGS e UFAM, possuem o mesmo número de produção científica, 9 (nove), contudo, a quantidade referente aos tipos de publicação se diferenciam. Em terceiro, a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS), com 6 (seis) trabalhos. A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) ocupou o quarto lugar por apresentar 2 (dois) trabalhos (Gráfico 2).

A partir do levantamento bibliográfico das metodologias utilizadas nos estudos selecionados para esta revisão sistemática, pautados na prática clínica em PdT, foi possível identificar e atualizar o que Merlo e Mendes (2009); Ghizoni, Mendes e Corgozinho (2013); Duarte (2014) e Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015) levantaram em seus estudos sobre a Clínica Psicodinâmica do Trabalho no Brasil. Estes, listaram a escassez de estudo na área da psicodinâmica do trabalho no Brasil (2009);

descreveram os avanços, bem como utilizaram os dispositivos de escuta clínica preconizados por Mendes e Araujo (2012) diante da realidade nacional frente à saúde do trabalhador (GHIZONI; MENDES; CORGOZINHO, 2013; DUARTE, 2014) e, por último, Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015) realizaram um estudo de revisão sistemática.

Identificou que as pesquisas empíricas que utilizavam a Psicodinâmica do Trabalho, criada por Dejours na França, estavam fazendo algumas adaptações da proposta metodológica de Dejours no cenário nacional. Em 2012, Mendes e Araujo publicaram um livro⁶ descrevendo outras estratégias de intervenção com relação ao sofrimento laboral, sublinhando a importância do viés social e, sobretudo, a postura que deveria acontecer nos espaços de discussão, em busca da mobilização da subjetividade do trabalhador frente a um sofrimento intenso o qual não está sabendo lidar. É diante deste cenário, que o profissional deve promover uma escuta do sofrimento do sujeito, com o intuito de criar espaços para elaborações e perlaborações.

No trabalho da Duarte (2014) e Ghizoni, Mendes e Corgozinho (2013), a pesquisa realizada por Medeiros (2012) – estudos com pilotos com monitoramento aéreo do DETRAN- aparece como método em Mendes e Araujo, mas no artigo de Ghizoni, Mendes e Corgozinho (2013) é caracterizada como adaptações, ainda que tal autora tenham seguido a ACT. Diante disso, a presente pesquisa optou pela utilização do termo “adaptação da proposta metodológica de Dejours”, porque este estudo não seguiu o passo-a-passo sobre o que Mendes e Araujo estava propondo, pois, quando essa autora fez a dissertação, o método ainda estava sendo escrito por Mendes e Araujo e a publicação do livro ainda não tinha saído.

A pesquisa de Ferreira (2013) também passou por algumas modificações no que tange ao tipo de metodologia definida pelos estudos citados acima, tal autora estudou a Psicodinâmica do Trabalho de Profissionais de Odontologia do Centro Ambulatorial de um Hospital Universitário, sendo que no artigo (GHIZONI; MENDES; CORGOZINHO, 2013) consta como adaptações, mas na dissertação da Duarte (2014) é um estudo com o enfoque da proposta metodológica de Dejours. Essa autora tentou fazer a metodologia de Mendes e Araujo, mas encontrou dificuldades na aplicação do

⁶ MENDES, A. M.; ARAUJO, K. R. **Clínica da psicodinâmica do Trabalho: O Sujeito em Ação**. Curitiba: Juruá, 2012.

método e, diante disso, teve que adaptar para Dejours, pois ainda não existia o livro de Mendes e Araujo, publicado somente em 2012. Então, esta pesquisa a categorizou no método proposto por Dejours.

Quanto às áreas profissionais pesquisadas nos estudos selecionados nesta revisão (Gráfico 4), verificou-se uma certa diversidade, entretanto, os profissionais da saúde ocupam o primeiro lugar das profissões que tem sido mais estudadas à luz da clínica PdT, aspecto já evidenciado no estudo realizado por Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015). Além de corroborar com tais autoras, esse artigo acrescenta que a enfermagem é a categoria predominantemente estudada na área da saúde e, a segunda categoria, é composta pelos docentes. Levantou-se, também, quais são os vínculos que estes profissionais ocupam, a fim de ampliar o entendimento do sofrimento laboral a partir da perspectiva a qual a organização do trabalho está submetida.

A categoria “outras” presente no gráfico 4 justifica-se porque são áreas que não se submetem as disposições da Lei 8.112 e da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), notadamente, porque não há vínculo empregatício manifesto, seja porque não restou suficientemente informado por seus autores, seja porque o senso comum demonstra inexistir vínculo empregatício em tais categorias (trabalhador rural, catadores de materiais recicláveis e trabalhador de rua). Contudo, faz-se importante tecer algumas observações: primeiro, no que concerne aos catadores de materiais recicláveis é correto informar a inexistência de vínculo empregatício. Em contrapartida, há o vínculo dos catadores enquanto associados, porquanto adotaram a denominação de Organização da Sociedade Civil, associação sem fins lucrativos, nos moldes do Código Civil de 2002. Por isso, não há vínculo empregatício, mas sim, vínculo de associado.

Vale reiterar, também, que as demais categorias integrantes da denominação “outras” ilustradas no gráfico 4, denotam a ausência de vínculo empregatício regido seja pela Lei 8.112 (servidores públicos efetivos e/ou comissionados) ou pela CLT. Logo, impende frisar que entre os cooperados, trabalhadores de rua, trabalhadores rurais não há vínculo empregatício, ou seja, ligação entre empregador e empregado. Porém, nada desabona que possa existir outro tipo de vínculo a título oneroso ou gratuito. Destarte, a denominação empregada no gráfico 4 “outras” consiste na inexistência de vínculo empregatício (relação de trabalho do tipo empregado e

empregador) e, por consequência, sobre tal grupo não são aplicadas as disposições da Lei 8.112 e/ou CLT.

Concernente aos principais resultados coletados a partir dessa pesquisa, foi possível identificar em diversas profissões aspectos os quais se repetiam no discurso dos sujeitos pesquisados. Diante disso, criou-se as seguintes categorias de análise: 1) fonte de prazer; 2) fonte de sofrimento; 3) estratégias defensivas; 4) patologias; 5) mobilização subjetiva e 6) intervenção. A seguir, serão abordadas essas categorias a fim de relacioná-las com as demais subcategorias, uma vez que foram criadas a partir do elevado número dos pesquisados utilizarem a repetição de conceitos para expressarem o que estão sentindo por meio de um espaço de deliberação do discurso e escuta.

No esquema sobre as categorias (Esquema 1), o primeiro fator é que todos possuem algum tipo de relação com o trabalho, independente das categorias as quais estão submetidos. No entanto, um ponto de convergência é que todas as características elencadas desde o prazer até o sofrer tem o trabalho como característica central.

De tal modo que, as três últimas décadas, em decorrência dos avanços tecnológicos da comunicação e da informática, assim como as mudanças culturais e econômicas, contribuíram de forma significativa na transformação de como o trabalho é constituído e pensado. A lógica do consumo, de que tudo precisa ser acelerado, catalisa a busca incessante pelo super profissional nos contextos contemporâneos. As relações de trabalho tornam-se cada vez mais precárias e, inexoravelmente, alvo de adoecimentos (FACAS, 2009; DEJOURS, 2011).

Os fatores de prazer, de acordo com o levantamento deste estudo, envolviam o sentido do trabalho, a organização do trabalho, o reconhecimento, a sensação de contribuição social, bem como condições de trabalho. Mendes e Muller (2013) dissertam que o prazer está sempre associado ao sofrimento, visto que esse confronto possibilita a ação do sujeito sobre o real. Logo, pode-se afirmar que é um princípio mobilizador, pois emerge a busca da gratificação, realização de si e reconhecimento do outro.

Perez (2012), Rosas (2012) e Lima (2013), em seus estudos com docentes, levantaram que o prazer advém do potencial emancipador e do reconhecimento dos alunos, visto que falta reconhecimento por parte dos superiores, sendo a atuação do professor resultante da mobilização e cooperação entre a categoria. Todavia,

Carvalho (2015) atribui maior ênfase ao sofrimento dos professores em decorrência das cobranças e várias peculiaridades do seu ofício, afirmando que não há como ter engajamento sem reconhecimento.

Sobre os enfermeiros, Santana (2015) destaca que a cooperação e busca pela mobilização da categoria para ultrapassar as dificuldades inerentes ao trabalho, consiste em resignificar o sofrimento e encontrar sentido na atividade que desencadeia. Como consequência, tem-se profissionais que sentem prazer ao trabalhar em ambientes em que o cuidado é um caminho que viabiliza a fonte de prazer destes trabalhadores, ainda que, na maioria das vezes, há a escassez de recursos e reconhecimento. No contexto dos servidores públicos, identificou-se que a sensação de contribuição social é a que mais reverbera o prazer dessa categoria profissional (GARCIA, 2011).

Assim, na maioria dos estudos analisados nessa revisão, os docentes, assim como os profissionais da saúde, compartilham de fonte de prazer similares, na medida em que ajudar o próximo que precisa de cuidado e apoio constitui aspecto em comum. Em contrapartida, os fatores de sofrimento relacionavam-se com os seguintes aspectos: ausência de reconhecimento, organização do trabalho, sentimento de impotência, injustiça, sensação de esgotamento físico, sensação de esgotamento mental, insegurança, sobrecarga no trabalho, relações de trabalho e precarização do trabalho. Todos estes conceitos permearam quase todas as pesquisas analisadas.

Para Moraes (2013b) o sofrer faz parte do trabalho, na medida em que essa ação resulta, inevitavelmente, na experiência do fracasso, desencadeando o sofrimento. Martins (2012) e Moura (2013) em seus estudos com servidores públicos, identificaram que a sobrecarga no trabalho, o descompasso com o real, a pouca cooperação, a rigidez no trabalho e a hierarquia, eram características que geravam o sofrimento no trabalho deste público. De modo geral, os contextos laborais investigados nesta pesquisa, em sua maioria, constataram teorizações acerca do mal-estar causado ao sujeito em decorrência de uma organização do trabalho deficitária.

Sobre a organização do trabalho, esta pode ser dividida em dois campos: de um lado, representa a divisão das tarefas, sendo atribuídas a alguns indivíduos decidirem o ritmo do trabalho, o que será executado e como fazê-lo. No outro lado, reside a divisão dos homens, ou seja, as hierarquias e relações de comando (DEJOURS; DESSORS; DESRIAUX, 1993). A PdT utiliza o conceito de trabalho relacionando-o com a organização do trabalho, uma vez que esta caracteriza como

as tarefas serão estabelecidas, distribuídas e divididas. Esta relação envolve o controle, a ordem, a hierarquia, a fiscalização e as prescrições. Contudo, a abordagem PdT evidencia o distanciamento da organização prescrita com o real (MENDES, 2007).

De acordo com Dejours (2004), na medida em que o trabalho gera sofrimento, também propicia o crescimento e desenvolvimento psicossocial do sujeito, ou seja, ainda que leve o trabalhador ao sofrimento e adoecimento, o trabalho pode ser cenário para a constituição de desenvolvimento e fonte de prazer. Em contrapartida, quando o trabalho configurar apenas execução de tarefas e a subjetividade for extinta, têm-se trabalhadores fragilizados e adoecidos, com a saúde mental abalada.

Dejours (2009) refletiu sobre as novas configurações da organização do trabalho e fez algumas ponderações.

Toda organização do trabalho é uma construção humana. Ela só se desenvolve com o consentimento e a colaboração de milhões de homens e mulheres. O trabalho pode gerar o pior, até suicídio, mas ele pode gerar o melhor: prazer, autorrealização e emancipação. É graças ao trabalho que as mulheres se emancipam da dominação dos homens. Não existe nenhuma fatalidade na evolução atual. Tudo depende da formação de uma vontade coletiva a fim de reencantar o trabalho (DEJOURS, 2009, p. 53)

A partir do olhar clínico da PdT, o trabalho envolve gestos, saber-fazer, constitui um engajamento do corpo, da mobilização da inteligência, bem como prioriza a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações. Consiste no poder de sentir, pensar, (re)inventar, criar, etc. Logo, no âmbito clínico, trabalhar ultrapassa a relação salarial, pois considera as relações sociais, buscando a mobilização da subjetividade para responder as tarefas diante das pressões, seja materiais ou sociais (DEJOURS, 2004).

Sobre o processo de adoecimento psíquico, nota-se que o percurso o qual as setas estão indicando o sentido (Esquema 1) busca explicar o sofrimento psíquico e suas consequências, caso intervenções não sejam realizadas. Nesse sentido, inicia-se na fonte de sofrimentos, depois o segundo passo são as estratégias defensivas, as quais podem ser: isolamento, resignação, submissão, individualismo, adoecimento, negação, racionalização, idealização, autoaceleração, idealização. Tais fatores desencadeiam o processo de adoecimento no trabalho. Caso não haja nenhuma intervenção nesse período, pode resultar em patologias, o quinto passo do esquema, as quais a maioria dos estudos indicou estresse e Síndrome de *Burnout*.

De acordo com Moraes (2013a), os mecanismos psicológicos mais utilizados nas estratégias defensivas são a negação e a racionalização. Características como isolamento, desconfiança, individualismo, banalização das relações de trabalho são comumente sinalizadas pela negação, pois não aceita que o problema pode advir do contexto organizacional, limitando os problemas na esfera pessoal. Por sua vez, a racionalização consiste em manifestar, por meio de falas, justificativas sobre os problemas do trabalho, desencadeando riscos, autoaceleração, excesso de cobrança, etc.

O sexto passo constitui a mobilização subjetiva⁷, a qual tem sido reverberado nos sujeitos a partir ressignificação do sofrimento, inventividade e construção de laços sociais. Moraes (2014) descreve que trabalhar envolve o acréscimo de si às prescrições do trabalho as quais por algum motivo não funcionam e, nesse ínterim, a mobilização subjetiva busca preencher o hiato daquilo que é prescrito para o que realmente acontece no ambiente laboral. “Neste processo, o sujeito pode (se) criar e (se) inventar. A mobilização subjetiva faz parte da concepção de trabalho para a Psicodinâmica do Trabalho, é o *próprio trabalhar*, como dito anteriormente.” (GHIZONI; MENDES, 2014b, p. 208, grifo do autor). Depois, tem-se a última categoria de análise, a qual foi denominada por intervenção. Esta pode ser realizada a partir da pesquisa-ação ou outras alternativas de intervenções, as quais dependerão do conhecimento de quem irá realizá-las.

Por fim, foi possível perceber que, por ser uma área que propõe uma inovação na metodologia ancorada na teoria de Dejours e com dispositivos embasados nos princípios psicanalíticos, as pesquisas nesse campo tem sido, em sua maioria, estudos empíricos com os construtos teóricos da PdT e não escutas clínicas. Merlo e Mendes (2009) destacaram que a escuta do sofrimento possibilita a produção dos processos de subjetivação dos trabalhadores em prol da saúde mental. Sublinharam, ainda, a subjetividade enquanto construção sócio-histórica, bem como instrumento fundamental para emancipação do sujeito por meio das análises fundamentadas na PdT.

⁷ “Mobilização subjetiva é o processo que permite às pessoas utilizar sua subjetividade, recursos intelectuais e criatividade para transformar os aspectos da organização do trabalho que causam sofrimento e, assim, vivenciar o prazer.” (FERREIRA, 2007, p. 81).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Decidir é muito além do que saber para onde ir,
mas é entender que ficar no mesmo lugar já é
uma decisão.”

As Clínicas do Trabalho têm sido amplamente desenvolvidas para atuar nos contextos de sofrimento laboral, a fim de buscar alternativas para que possam demonstrar a importância da saúde mental dos trabalhadores. Nesse sentido, foi possível identificar que existem diversidades epistemológicas, não obstante, possuem algumas aproximações teóricas convergentes com o tema em questão: o trabalho. Dentre elas, destaca-se que o universo laboral também pode ser palco de prazeres, sendo o sofrimento uma condição *sine qua non* para que haja qualquer mobilização subjetiva.

Dessa forma, infere-se que o sofrer não constitui algo somente deplorável, mas também pode suscitar a reverberação de outras dimensões e perspectivas por parte daqueles que estão vivenciando condições de trabalho insatisfatórias. Moraes (2013b) corrobora com essa ideia ao afirmar que o sofrimento criativo é a invenção de soluções e estratégias para os problemas, o qual abre espaço para a engenhosidade e a criação. Assim, atua como mobilizador de mudanças, pois há uma subversão do sofrimento em prazer e, por conseguinte, a realização pessoal. Este investimento subjetivo contribui também para as organizações do trabalho, sendo potencializado pela cooperação e o reconhecimento.

Frente a esse cenário, a Clínica Psicodinâmica do Trabalho tem buscado empregar referenciais teóricos sólidos, com o intuito de melhor caracterizar as distinções metodológicas que ocorreram no Brasil. Mendes e Araujo (2012) ao identificar os desafios da replicação da teoria no território brasileiro, decidiu fazer algumas considerações sobre esse contexto de adaptação ao método proposto por Dejours. Dentre as características metodológicas das práticas em Clínica Psicodinâmica do Trabalho realizadas nos últimos cinco anos, foi possível identificar que existem muitas adaptações ao método proposto por Dejours. A exemplo disso, tem-se a formulação da demanda, que também pode ser criada pelos pesquisadores, não apenas pelas organizações. Observou-se, também, a utilização de recursos para coleta de dados para além da fala e escuta, ao passo que os pesquisadores fizeram uso de questionários, entrevistas semiestruturadas e semiabertas, inventários, etc. A

maioria destes estudos justificaram a adequação ao método devido a mudança de contexto, descrevendo as idiosincrasias culturais e políticas inerentes ao Brasil.

Vale ressaltar que essa metodologia facilitou a identificação dos aspectos mais relevantes sobre como tem sido discutida e apresentada a prática clínica em PdT no Brasil, haja vista que o âmbito internacional foi cenário de algumas restrições no que tange ao acesso dos materiais científicos para a análise. Sugere-se, assim, a necessidade de investir em pesquisas, localizar estudos que relatem práticas em clínica PdT em outros idiomas, sobretudo em francês por ser o nascedouro da abordagem.

Quanto à postura dos pesquisadores, levantou-se que a maioria estão atuando como pesquisadores-clínicos, pois dentre os 50 estudos analisados, 31 descreviam tal conduta. Sugere-se que o papel de pesquisador-clínico, deslize para uma atuação voltada para o clínico-pesquisador, considerando as diversidades culturais brasileiras e a emergência dos novos cenários em relação à realidade da França.

Constatou-se, também, que a apresentação sistemática dos dados com base nos principais resultados levantados a partir da análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011), permitiu a construção de um painel sobre o cenário atual dessas produções científicas elencados por diversas categorias, quais sejam: fonte de prazer, fonte de sofrimento, estratégias defensivas, patologias, mobilização subjetiva e intervenção.

Dessa forma, impende frisar a importância de localizar estudos que relatem práticas em clínica psicodinâmica do trabalho em outros idiomas, sobretudo em francês. Sendo assim, estes dados serão retomados no início do ano de 2017 com o objetivo de concluir os números levantados nessa revisão sistemática. Logo, a atualização do banco de dados deste estudo configura outra agenda de pesquisa que tem o intuito de contribuir para um campo que está em constante transformação.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. J. **Mobilização Subjetiva para o Prazer-Sofrimento no Trabalho dos Taquígrafos Parlamentares: Uma Prática em Clínica Psicodinâmica da Cooperação.** 2014. 106f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- ANJOS, D. D.; MAGRO, R. S. A função psicológica do trabalho. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 221-224, Apr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000100023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Nov. 2016.
- ANTUNES, R.; BRAGA, R. **Infoproletários** (degradação real do trabalho virtual). São Paulo: Boitempo, 2009.
- ANTUNES, R. Desenhando a nova morfologia do trabalho e suas principais manifestações. In: MERLO, A. R. C.; BOTTEGA, C. G.; PEREZ, K. V. (Org.). **Atenção à saúde mental do trabalhador: sofrimento e transtornos psíquicos relacionados ao trabalho.** Porto Alegre: Evangraf, 2014, p. 30- 51.
- ATHAYDE, M.; BRITO, J. Ergologia e clínica do trabalho. In P. F. Bendassolli; L. A. Soboll (Orgs). **Clínicas do trabalho: Novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade.** São Paulo: Atlas, 2011, p. 258 -281.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011. 279p.
- BASTOS, A. V. B. Psicologia organizacional e do trabalho: que resposta estamos dando aos desafios contemporâneos da sociedade brasileira? In: O. H. Yamamoto; V. V. Gouveia (Org.), **Construindo a psicologia brasileira: desafios da ciência e da prática psicológica,** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- BRASIL. **Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990.** Dispõe sobre o Regime Jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. Diário Oficial da União. 11 dez 1990.
- BRASIL. Lei n. 10.406, 10 de janeiro de 2002. **Código Civil.** Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 11 jan. 2002.
- BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea P. (Org.). **Clínicas do Trabalho: Novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade.** São Paulo: Atlas, 2011. p. 3-21.
- BOTTEGA, C. G. **Clínica do Trabalho no Sistema Único de Saúde: Linha de Cuidado em Saúde mental do trabalhador e da trabalhadora** Porto Alegre. UFRGS, 2015. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós

graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

BORUCHOVITCH, E.; MEDNICK, B. R. The meaning of health and illness: some considerations for health psychology. **Revista PSICO-USF**, v. 6, n. 2, p. 55-64, Jul./Dez. 2002.

BORGES, L. A. Psicologia do Trabalho e das Organizações no Brasil floresce? Editorial Dossiê: Tópicos em Psicologia do Trabalho e das Organizações. **Estudos de Psicologia**, Rio Grande do Norte, Natal, vol. 15, n. 3, p. 277-279, 2010.

CARRETEIRO, T. C.; BARROS, V. A. Clínicas do trabalho: contribuições da psicossociologia no Brasil. In: P. F. Bendassolli; L. A. Soboll (Org.). **Clínicas do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011, p. 208-226.

CARVALHO, G. M. **Análise psicodinâmica do trabalho da população de rua de Manaus**. 2015. 143f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

COELHO-LIMA, F.; COSTA, A. L. F.; YAMAMOTO, O. H. O exercício profissional do psicólogo do trabalho e das organizações: uma revisão da produção científica. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 21-35, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572011000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 set. 2016.

CLOT, Y. Entrevista concedida a Leny Sato. In: **Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho**, vol. 9, n. 2, 2006, p. 9-107.

CLOT, Y. **Ciclo de palestras (notas)**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, 2007.

CLOT, Y. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010a.

CLOT, Y. A psicologia do trabalho na França e a perspectiva da clínica da atividade. **Fractal: Revista de Psicologia**, [S.l.], v. 22, n. 1, p. 207-234, may 2010b. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/index.php/Fractal/article/view/463>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

CLOT, Y. Clínica do trabalho e clínica da atividade. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea P. (Org.). **Clínicas do Trabalho: Novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011, p. 71-83.

DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez; Oboré. 1987.

DEJOURS, C.; DESSORS, D.; DESRIAUX, F. Por um trabalho, fator de equilíbrio. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 33, n. 3, jun. 1993. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901993000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 mar. 2015.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901993000300009>.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**. São Paulo, v. 14, n. 3, p. 27-34, Dez. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132004000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 set. 2016.

DEJOURS, C. Entre o desespero e a esperança: como reencantar o trabalho. **Revista CULT**, São Paulo, v. 139, n. 12, p. 49-53, 2009. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/reencantar-o-trabalho/>>. Acesso em: 10 set. 2016.

DEJOURS, C. A Metodologia em psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S. e SZNELWAR, L. I. **Christophe Dejours: Da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, Brasília: Paralelo 1, 2011, p.125-150.

DUARTE, F. C. **Dispositivos para a escuta clínica do sofrimento no trabalho: Entre a clínica da cooperação e das patologias**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014, 142f.

DUARTE, F. S.; MENDES, A. M. B. Da Escravidão A Servidão Voluntária: Perspectivas Para A Clínica Psicodinâmica Do Trabalho No Brasil. **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 68-128, nov. 2014. Disponível em: <<http://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/2579>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

FACAS, E. P. **Estratégias de mediação do sofrimento no trabalho automatizado: estudo exploratório com pilotos de trem de metrô do Distrito Federal**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009, 116f.

FACAS, E. P. **Protocolo de avaliação dos riscos psicossociais no trabalho - contribuições da psicodinâmica do trabalho**. 2013. 191 f., il. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FERREIRA, J. B. **Trabalho, sofrimento e patologias sociais: estudo com trabalhadores bancários e anistiados políticos de uma empresa pública**. 2007. 159 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

FERREIRA, A. S. **A Psicodinâmica do Trabalho de Profissionais de Odontologia do Centro Ambulatorial de um Hospital Universitário**. 2013. 106f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em:

<<http://repositorio.unb.br/handle/10482/13165>>. Acesso em: 27 set. 2016.

FONSECA, J.C.; OLIVEIRA, I. A.; Clínica da Atividade no contexto brasileiro: sobre ciências, territórios e compreensões. In: Andrea Pujol y Constanza Dall'Asta (Org.). **Trabajo, actividad y subjetividad**. Debates abiertos. Córdoba, Argentina, 2012, p. 33-52.

GAMA, P. L. et al. Resignificação do sofrimento: clínica do trabalho em um hospital escola. **Revista Laborativa**, v. 5, n. 1, p. 38-63, abr./2016.

GARCIA, W. I. **Análise psicodinâmica do trabalho no tribunal de justiça do Amazonas**: uma aplicação da clínica do trabalho e da ação. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011. Disponível em: <<http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2845>> Acesso em: 29 set. 2016.

GIONGO, C. R.; MONTEIRO, J. K.; SOBROSA, G. M. R. Psicodinâmica do trabalho no Brasil: revisão sistemática da literatura. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p. 803-814, dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 set. 2016.

GHIZONI, L. D. **Clínica Psicodinâmica da Cooperação na Associação de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis da Região Centro Norte de Palmas – TO (ASCAMPA)**. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2013.

GHIZONI, L. D.; MENDES, A. M.; CORGOZINHO, J. P. Uma proposta brasileira para a Clínica Psicodinâmica do Trabalho. In: L. D. C. Schlindwein (Org.). Saúde mental e trabalho na Amazônia: múltiplas leituras sobre prazer e sofrimento no trabalho. v. 1, Porto Velho-RO: EDUFRO, 2013, p. 25-39.

GHIZONI, L. D. et al. Clínica Psicodinâmica do Trabalho: a prática em diversos contextos de trabalho. **DESAFIOS**: Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins – v. 1, n. 1, p. 74-94, jul/dez. 2014.

GHIZONI, L. D.; MENDES, A. M. Dispositivos para uma escuta clínica do sofrimento no trabalho dos catadores de materiais recicláveis. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 15-26, jun. 2014a. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822014000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2016.

GHIZONI, L. D.; MENDES, A. M. Mobilização de um coletivo de catadores: prática em Clínica Psicodinâmica da Cooperação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, Brasil, v. 17, n. 2, p. 206-223, dec. 2014b. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/112343/110307>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

LIMA, M. E. A., Contribuições da Clínica da Atividade para o campo da segurança no trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 32, n. 115, p. 99-107, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=100515514009>>. Acesso em: 10 Nov. 2016.

LIMA, P. A. **Vivências de prazer-sofrimento de professores que atuam em Educação Inclusiva**. 2013. 74 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

LHUILIER, D. Trabalho. In: BARRUS-MICHEL, J.; ENRIQUEZ, E.; LÉVY, A. **Dicionário de psicossociologia**. 1.ed. Lisboa: Climepsi, 2005.

LHUILIER, D. Filiações teóricas das clínicas do trabalho. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea P. (Org.). **Clínicas do Trabalho: Novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011, p. 22-58.

LHUILIER, D. Introdução à psicossociologia do trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, Brasil, v. 17, p. 5-19, june 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/80628>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

MACHADO, M. N. da M. Intervenção psicossociológica, método clínico, de pesquisa e de construção teórica. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**. v. 5, n. 2, São João del-Rei, p. 175-181, 2010. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/revistalapip/volume5_n2/Mata_Machado.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2016.

MARTINS, M. **A psicodinâmica do reconhecimento no trabalho de informática de terceirizados e concursados de uma instituição pública**. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/12853>>. Acesso em 29 set. 2016.

MEDEIROS, S. N. **Clínica em Psicodinâmica do Trabalho com a Unidade de Operações Aéreas do DETRAN: o prazer de voar e a arte de se manter vivo**. 2012. 167f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) — Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

MENDES, A. M. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In: MENDES, Ana Magnólia. (Org.) **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2007, p. 29-48.

MENDES, A. M.; ARAUJO, K. R. **Clínica da psicodinâmica do Trabalho: O Sujeito em Ação**. Curitiba: Juruá, 2012.

MENDES, A. M.; DUARTE, F. S. Mobilização Subjetiva. In: VIERA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013, p. 259-262.

MENDES, A. C.; MULLER, T. C. Prazer no trabalho. In: VIERA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013, p. 289-291.

MENDES, A. M. Escuta Analítica do Sofrimento e o saber-fazer do clínico no trabalho. In: **Trabalho & Sofrimento: práticas clínicas e políticas**. Mendes, A. M. (Org.) Curitiba: Juruá, 2014, p. 65-80.

MENDES, A. M. **Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho**. Disponível em: <http://lpct.com.br/?page_id=25>. Acesso em: 20 nov. 2016.

MERLO, A. R. C; MENDES, A.M. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, Brasília, v.12, n. 2, p. 141-156, 2009.

MERLO, A. R. C.; BOTTEGA, C. G.; PEREZ, K. V (Org.). **Atenção ao sofrimento e ao adoecimento psíquico do trabalhador e da trabalhadora**: cartilha para profissionais do Sistema Único de Saúde – SUS; il. Augusto Franke Bier – Porto Alegre: Evangraf, 2014. 28 p.; il.

MORAES, R. D. de. Estratégias Defensivas. In: VIERA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013a, p. 153-158.

MORAES, R. D. de. Sofrimento Criativo e Patogênico. In: VIERA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013b, p. 415-419.

MORAES, R. D. de. Mobilização Subjetiva: Experiências em Clínica do Trabalho no Amazonas. In: MENDES, A. M., MORAES, R. D. de., MERLO, A. R. C. **Trabalho & Sofrimento: práticas clínicas e políticas**. Curitiba: Juruá, 2014, p. 203-215.

MOURA, P. M. F. **Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de atendimento ao público de servidores do judiciário no Amazonas**. 2013. 107f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. Disponível em: <<http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2855>>. Acesso em: 29 set. 2016.

PEREZ, K. V. "**Se eu tirar o trabalho, sobra um cantinho que a gente foi deixando ali**": clínica de psicodinâmica do trabalho na atividade de docentes no ensino superior privado. 2012. 251 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Psicologia Social, Porto Alegre, 2012.

ROSAS, M. L. **Análise psicodinâmica do trabalho de professores de uma escola rural do município de Iranduba /AM**. 2012. 145 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M.C. Estudos de Revisão Sistemática: Um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. Bras. Fisioterapia**, São Carlos, v.11, n.1, p. 83-89, jan/fev, 2007.

SANTANA, P. M. **Vivências de prazer e sofrimento nos trabalhadores de Enfermagem em um Hospital Universitário em Manaus**. 2015. 97f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

SANTOS, R. H.; MELLO NETO, G. A. R. **Estudo Bibliométrico da Publicação Nacional na Área de Administração sobre sofrimento e Psicodinâmica Do Trabalho**. **Revista Perspectivas Contemporâneas**, v. 11, n. 2, p. 59-83, mai./ago. 2016. Disponível em: <<http://revista.grupointegrado.br/revista/index.php/perspectivascontemporanea>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

SCHWARTZ; Y.; DURRIVE, L. **Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Trad. Jussara Brito e Milton Athayde. Niterói: ed. UFF, 2007.

SCHWARTZ, Y. Disciplina epistêmica, disciplina ergológica; paidéia e politéia. **Pro-posições**, São Paulo: Unicamp, v. 13, n.1, p. 126-149, jan/abr 2002. Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/37-artigos-schwartz.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

SCHWARTZ, Y. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Trab. educ. saúde (Online)**, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, p. 19-45, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462011000400002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 Nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462011000400002>.

SELIGMANN-SILVA, E. **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo**. São Paulo: Cortez, 2011, 624p.

SOLDERA, L. M. **Clínicas do trabalho: diálogos entre psicossociologia e psicodinâmica do trabalho**. Assis, 2016. 142 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/138328>>. Acesso em: 28 set. 2016.

TRINQUET, P. Trabalho e Educação: O Método Ergológico. **Revista HISTEDBR Online**, [S.l.], v. 10, n. 38e, ago. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639753>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

WAGNER, E. S. **Hannah Arendt & Karl Marx: o mundo do trabalho**. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002, 208p.

WHO. World Health Organization. **Basic Documents**, Forty-fifth edition, Supplement, October, 2006.

ZANELLI, J. C.; BASTOS, A. V. B. Inserção profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. In: J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade, A. V. B. Bastos (Org.), **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 466-491.

YUNG, T. S. **Peguei o Diploma, e Agora? Desafios, Dilemas e Estratégias de Inserção Ocupacional de Jovens Recém-Graduados Em Ciências Sociais**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Levantamento das publicações sobre "Clínica Psicodinâmica do Trabalho" entre janeiro de 2011 a outubro de 2016, na BVS-Psi

TÍTULO	MÉTODO	REFERÊNCIAS ABNT
Experiência em clínica do trabalho com profissionais de T&D de uma organização pública	Adaptações da proposta metodológica de Dejours	GOMES, Márcia Lucia Borges de Melo; LIMA, Suzana Canez da Cruz; MENDES; Ana Magnólia. Experiência em clínica do trabalho com profissionais de T&D de uma organização pública. Estud. pesq. Psicol. , Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p.841 -845, 2011. Disponível em: < http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revisspsi/article/view/8339/6131 > Acesso em 27 set. 2016.
Trabalho imaterial no contexto da enfermagem hospitalar: vivências coletivas dos trabalhadores na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho	Dejours	TRAESEL, Elisete Soares; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Trabalho imaterial no contexto da enfermagem hospitalar: vivências coletivas dos trabalhadores na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho. Rev. bras. saúde ocup. , São Paulo, v. 36, n. 123, p. 40-55, Jun. 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572011000100005&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 29 set. 2016.
Trabalho imaterial e contemporaneidade: um estudo na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho	Dejours	MERLO, Álvaro Roberto Crespo; TRAESEL, Elisete Soares; BAIERLE, Tatiana Cardoso. Trabalho imaterial e contemporaneidade: um estudo na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho. Arq. bras. psicol. , Rio de Janeiro, v. 63, n. spe, p. 94-104, 2011. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000300010&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 25 set. 2016.

<p>O trabalho e a saúde dos oficiais de Justiça Federal de Porto Alegre</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>MERLO, Álvaro Roberto Crespo et al. O trabalho e a saúde dos oficiais de Justiça Federal de Porto Alegre. Cad. psicol. soc. trab., São Paulo, v. 15, n. 1, p. 101-113, jun. 2012 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172012000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 set. 2016.</p>
<p>Espaço coletivo de discussão: a clínica psicodinâmica do trabalho como ação de resistência</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>MARTINS, Soraya Rodrigues; MENDES, Ana Magnólia. Espaço coletivo de discussão: a clínica psicodinâmica do trabalho como ação de resistência. Rev. Psicol., Organ. Trab., Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 171-183, ago. 2012 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572012000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 set. 2016.</p>
<p>O trabalho do cuidado: uma análise psicodinâmica</p>	<p>Dejours</p>	<p>LIMA, Suzana Canez da Cruz. O trabalho do cuidado: uma análise psicodinâmica. Rev. Psicol., Organ. Trab., Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 203-215, ago. 2012 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572012000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 set. 2016.</p>
<p>Mobilização de um coletivo de catadores: prática em Clínica Psicodinâmica da Cooperação</p>	<p>Mendes e Araujo</p>	<p>GHIZONI, Liliam Deisy; MENDES, Ana Magnólia. Mobilização de um coletivo de catadores: prática em Clínica Psicodinâmica da Cooperação. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, vol. 17, n. 2, p.206-223, out. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/112343/110307> Acesso em 26 set. 2016.</p>

<p>Dispositivos para uma escuta clínica do sofrimento no trabalho dos catadores de materiais recicláveis</p>	<p>Mendes e Araujo</p>	<p>GHIZONI, Liliam Deisy; MENDES, Ana Magnólia. Dispositivos para uma escuta clínica do sofrimento no trabalho dos catadores de materiais recicláveis. Contextos Clínic, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 15-26, jun. 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822014000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 set. 2016.</p>
<p>Vivências depressivas e relações de trabalho: uma análise sob a ótica da psicodinâmica do trabalho e da sociologia clínica</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>LINHARES, Antonio Roziano Ponte; SIQUEIRA, Marcus Vinicius Soares. Vivências depressivas e relações de trabalho: uma análise sob a ótica da psicodinâmica do trabalho e da sociologia clínica. Cad. EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 719-740, set. 2014 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167939512014000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 set. 2016.</p>
<p>Clínica do Trabalho Aplicada a Trabalhadores de Ensino Superior Federal</p>	<p>Mendes e Araujo</p>	<p>CARVALHO, Geresa Menezes de; VASCONCELOS, Ana Cláudia Leal. Clínica do Trabalho Aplicada a Trabalhadores de Ensino Superior Federal. Revista Polis e Psique, Manaus, v. 4, n. 1, p.146-160, ago. 2014. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Polis_ePsique/article/view/45272/pdf_8>. Acesso em: 25 set. 2016.</p>
<p>Vivências de Sofrimento e Prazer no Trabalho de Gerentes de Banco</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>MAXIMO, Thaís Augusta Cunha de Oliveira; ARAUJO, Anísio José da Silva; ZAMBRONI-DE-SOUZA, Paulo César. Vivências de sofrimento e prazer no trabalho de gerentes de banco. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 34, n. 1, p. 96-111, Mar. 2014 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 out. 2016.</p>

Aspectos da Prática Clínica em Psicologia Dirigida à Reabilitação de Trabalhadores	Adaptações da proposta metodológica de Dejours	BIASI, Evelyn Yamashita; RUMIN, Cassiano Ricardo. Aspectos da Prática Clínica em Psicologia Dirigida à Reabilitação de Trabalhadores. Psicol. cienc. prof. , Brasília, v. 35, n. 4, p. 1350-1365, dez. 2015. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000401350&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 25 set. 2016.
Clínica Psicodinâmica do Trabalho: a construção de um coletivo no real da pesquisa	Dejours	MAGNUS, Cláudia de Negreiros; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Clínica Psicodinâmica do Trabalho: a construção de um coletivo no real da pesquisa. Revista Polis e Psique , Porto Alegre, v.5, n.3, p. 179 – 197, dez. 2015. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v5n3/n5a11.pdf > Acesso em: 26 set. 2016.
O enigma dos sintomas: proposição para uma escuta psicanalítica e política do sofrimento no trabalho	Mendes e Araujo	PÉRILLEUX, Thomas; MENDES, Ana Magnólia. O enigma dos sintomas: proposição para uma escuta psicanalítica e política do sofrimento no trabalho. Revista Trivium Est. Interd. Ano VII, Ed.1-2015, p.61-73 Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v7n1/v7n1a07.pdf > Acesso em: 26 set. 2016.
Psicodinâmica do estresse: estudo com trabalhadores de pesquisa, desenvolvimento e inovação	Adaptações da proposta metodológica de Dejours	NOGUEIRA, José Henrique Vilches; FREITAS, Lêda Gonçalves de. Psicodinâmica do estresse: estudo com trabalhadores de pesquisa, desenvolvimento e inovação. Rev. Psicol., Organ. Trab. , Brasília, v. 15, n. 2, p. 133-145, jun. 2015. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572015000200004&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 02 out. 2016.

<p>Prazer e sofrimento no cuidado ao idoso em instituição de longa permanência: percepção dos trabalhadores de enfermagem</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>MARIANO, Pâmela Patricia; CARREIRA, Lígia. Prazer e sofrimento no cuidado ao idoso em instituição de longa permanência: percepção dos trabalhadores de enfermagem. Escola Anna Nery, Maringá, PR, 20(4) Out-Dez 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v20n4/1414-8145-ean-20-04-20160088.pdf>. Acesso em: 02 out. 2016.</p>
---	---	--

APÊNDICE B – Levantamento de publicações sobre "Clínica Psicodinâmica do Trabalho" entre janeiro de 2011 a outubro de 2016, na BDTD

TÍTULO	MÉTODO	REFERÊNCIAS ABNT
<p>Análise psicodinâmica do trabalho no tribunal de justiça do Amazonas: uma aplicação da clínica do trabalho e da ação</p>	<p>Dejours</p>	<p>GARCIA, Wiulla Inácia. Análise psicodinâmica do trabalho no tribunal de justiça do Amazonas: uma aplicação da clínica do trabalho e da ação. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011. Disponível em: <http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2845> Acesso em: 29 set. 2016.</p>
<p>Clínica em Psicodinâmica do Trabalho com a Unidade de Operações Aéreas do DETRAN: o Prazer de Voar e a Arte de se Manter Vivo</p>	<p>Mendes e Araujo</p>	<p>MEDEIROS, Solene Nobre de. Clínica em Psicodinâmica do Trabalho com a Unidade de Operações Aéreas do DETRAN: o prazer de voar e a arte de se manter vivo. 2012. 167 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) — Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/12132> Acesso em: 29 set. 2016.</p>
<p>"Se eu tirar o trabalho, sobra um cantinho que a gente foi deixando ali": clínica de psicodinâmica do trabalho na atividade de docentes no ensino superior privado</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>PEREZ, Karine Vanessa. "Se eu tirar o trabalho, sobra um cantinho que a gente foi deixando ali": clínica de psicodinâmica do trabalho na atividade de docentes no ensino superior privado. 2012. 251 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Psicologia Social, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/70043> Acesso em: 29 set. 2016.</p>

<p>A Psicodinâmica do Reconhecimento no Trabalho de Informática de Terceirizados e Concursados de uma Instituição Pública.</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>MARTINS, Márcio. A psicodinâmica do reconhecimento no trabalho de informática de terceirizados e concursados de uma instituição pública. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/12853>. Acesso em 29 set. 2016.</p>
<p>As vivências dos empreendedores em relação ao seu trabalho: uma intervenção em clínica do trabalho</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>GUIMARÃES-JÚNIOR, Edward Humberto. As vivências dos empreendedores em relação ao seu trabalho: uma intervenção em clínica do trabalho. 2012.155 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/1874?mode=full>. Acesso em: 28 set. 2016.</p>
<p>Vivências dos Gestores de uma IES Privada: intervenção em Clínica Psicodinâmica do Trabalho</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>SILVA, Fabiana Custódio e. Vivências dos Gestores de uma IES Privada: intervenção em Clínica Psicodinâmica do Trabalho. 2012. 182f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/1806>. Acesso em: 28 set. 2016.</p>
<p>Trabalho, violência e sofrimento: estudo com cobradoras de transporte coletivo urbano de Manaus/Amazonas</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>BORGES, Juliana Coutinho. Trabalho, violência e sofrimento: estudo com cobradoras de transporte coletivo urbano de Manaus/Amazonas. 2012. 88f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012. Disponível em: <http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2838>. Acesso em: 28 set. 2016.</p>

<p>Análise psicodinâmica do trabalho de professores de uma escola rural do município de Iranduba /AM</p>	<p>Dejours</p>	<p>ROSAS, Maria Letícia Messias. Análise psicodinâmica do trabalho de professores de uma escola rural do município de Iranduba /AM. 2012. 145 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012. Disponível em: <http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3939>. Acesso em: 29 set. 2016.</p>
<p>Uma polícia especial: possibilidades de prazer no trabalho dos policiais militares do pelotão de operações especiais</p>	<p>Dejours</p>	<p>MÜLLER, Daniela Zipperer. Uma polícia especial: possibilidades de prazer no trabalho dos policiais militares do pelotão de operações especiais. 2012. 113f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/55426> Acesso em: 29 set 2016.</p>
<p>Vivências de prazer-sofrimento de professores que atuam em Educação Inclusiva</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>LIMA, Perla Alves Martins. Vivências de prazer-sofrimento de professores que atuam em Educação Inclusiva. 2013. 74 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. Disponível em: <http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3357>. Acesso em: 29 set. 2016.</p>
<p>A Psicodinâmica do Trabalho de Profissionais de Odontologia do Centro Ambulatorial de um Hospital Universitário</p>	<p>Dejours</p>	<p>FERREIRA, Angela da Silva. A Psicodinâmica do Trabalho de Profissionais de Odontologia do Centro Ambulatorial de um Hospital Universitário. 2013. 106f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/13165>. Acesso em: 27 set. 2016.</p>

<p>Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de atendimento ao público de servidores do judiciário no Amazonas</p>	<p>Dejours</p>	<p>MOURA, Patrícia Moraes Furtado de. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de atendimento ao público de servidores do judiciário no Amazonas. 2013. 107f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. Disponível em: <http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2855>. Acesso em: 29 set. 2016.</p>
<p>Psicodinâmica da relação gestor-equipe: análise do prazer-sofrimento no trabalho em uma organização pública</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>AGUIAR, Verônica Brito. Psicodinâmica da relação gestor-equipe: análise do prazer-sofrimento no trabalho em uma organização pública. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/13631>. Acesso em: 29 set. 2016.</p>
<p>Sufrimento silencioso: análise da psicodinâmica do trabalho de suinocultores</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>GIONGO, Carmen Regina. Sufrimento silencioso: análise da psicodinâmica do trabalho de suinocultores. 2013. 85f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 2013. Disponível em:<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4304>. Acesso em: 01 out. 2016.</p>
<p>A locomotiva, os problemas, as paixões e os amores: análise psicodinâmica do estresse em trabalhadores de pesquisa, desenvolvimento e inovação</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>NOGUEIRA, José Henrique Vilches. A locomotiva, os problemas, as paixões e os amores: análise psicodinâmica do estresse em trabalhadores de pesquisa, desenvolvimento e inovação. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/1807>. Acesso em: 28 set. 2016.</p>

Dispositivos para a escuta clínica do sofrimento no trabalho: Entre a clínica da cooperação e das patologias	Mendes e Araujo	DUARTE, Fernanda Sousa. Dispositivos para a escuta clínica do sofrimento no trabalho: Entre a clínica da cooperação e das patologias. 2014. 142f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: < http://repositorio.unb.br/handle/10482/15885 >. Acesso em: 27 set. 2016.
Análise psicodinâmica do trabalho em um centro de atenção psicossocial no Amazonas	Dejours	CUNHA, Stephane Caroline de Paula da. Análise psicodinâmica do trabalho em um centro de atenção psicossocial no Amazonas. 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014. Disponível em: < http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4714 >. Acesso em: 28 set. 2016.
Mobilização Subjetiva para o Prazer-Sofrimento no Trabalho dos Taquígrafos Parlamentares: Uma Prática em Clínica Psicodinâmica da Cooperação	Mendes e Araujo	ALVES, Jorge José. Mobilização Subjetiva para o Prazer-Sofrimento no Trabalho dos Taquígrafos Parlamentares: Uma Prática em Clínica Psicodinâmica da Cooperação. 2014. 106f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: < http://repositorio.unb.br/handle/10482/15283 >. Acesso em: 27 set. 2016.
Análise da atividade de trabalho dos necrotomistas	Adaptações da proposta metodológica de Dejours	SILVA, Frankleudo Luan de Lima. Análise da atividade de trabalho dos necrotomistas. 2014.178 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: < http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/6972 >. Acesso em: 28 set. 2016.

<p>O trabalho e a saúde dos pesquisadores em uma empresa de pesquisa: uma leitura psicodinâmica.</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>LAVNCHICHA, Glayce Rejane Felipe da Silva. O trabalho e a saúde dos pesquisadores em uma empresa de pesquisa: uma leitura psicodinâmica. 2015. 230 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/1908>. Acesso em: 28 set. 2016.</p>
<p>Análise psicodinâmica do trabalho da população de rua de Manaus</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>MATTOS, Elisangela Carpenedo de. Prazer e sofrimento no trabalho bancário: um olhar sobre o gestor intermediário. 2016. 137f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Psicologia Social, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/141491> . Acesso em: 29 set. 2016.</p>
<p>Organização do trabalho e a mobilização subjetiva de trabalhadores de um Centro de Atenção Psicossocial, Álcool e Drogas</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>CARVALHO, Gerusa Menezes de. Análise psicodinâmica do trabalho da população de rua de Manaus. 2015. 143f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4637>. Acesso em: 28 set. 2016.</p>
<p>Vivências de prazer e sofrimento de trabalhadores de enfermagem em um hospital universitário em Manaus</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>SANTANA, Priscila Moreira. Vivências de prazer e sofrimento nos trabalhadores de Enfermagem em um Hospital Universitário em Manaus. 2015. 97f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4796>. Acesso em: 29 set. 2016.</p>

<p>O Mal-estar Na Educação a Natureza Do Trabalho Docente Entre O Sofrimento e o Ressentimento</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>CARVALHO, Márcio Henrique de. O Mal-estar Na Educação a Natureza Do Trabalho Docente Entre O Sofrimento e o Ressentimento. 2015. 116f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/19343>. Acesso em 29 set. 2016.</p>
<p>Prazer e sofrimento no trabalho bancário: um olhar sobre o gestor intermediário</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>MATTOS, Elisângela Carpenedon de. Prazer e sofrimento no trabalho bancário: um olhar sobre o gestor intermediário. 2016. 137f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Psicologia Social, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/141491>. Acesso em: 29 set. 2016.</p>
<p>Coletivo de trabalho e reconhecimento: uma análise psicodinâmica dos cuidadores sociais</p>	<p>Dejours</p>	<p>LIMA, Suzana Canez da Cruz. Coletivo de trabalho e reconhecimento: uma análise psicodinâmica dos cuidadores sociais. 2011. 220 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) — Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/10103>. Acesso em: 29 set 2016.</p>
<p>"A arte de escrever, com a palavra o escritor" as vivências dos escritores literários em relação ao seu trabalho: uma abordagem psicodinâmica</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>BUENO, Marcos. "A arte de escrever, com a palavra o escritor" as vivências dos escritores literários em relação ao seu trabalho: uma abordagem psicodinâmica. 2012, 366 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/1753>. Acesso em: 29 set. 2016.</p>

<p>Clínica Psicodinâmica da Cooperação na Associação de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis da Região Centro Norte de Palmas – TO (ASCAMPA).</p>	<p>Mendes e Araujo</p>	<p>GHIZONI, Liliam Deisy. Clínica Psicodinâmica da Cooperação na Associação de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis da Região Centro Norte de Palmas – TO (ASCAMPA). 2013, 308f. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (Psto)) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://lpct.com.br/?page_id=17>. Acesso em: 29 set 2016.</p>
<p>O trabalho e a docência em uma Instituição de Ensino Superior pública: o caso dos professores de odontologia da Universidade Federal de Goiás</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>FLEURY, Alessandra Ramos Demito. O trabalho e a docência em uma Instituição de Ensino Superior pública: o caso dos professores de odontologia da Universidade Federal de Goiás. 2013. 297 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/1763>. Acesso em: 29 set 2016.</p>
<p>O ser e o servir nas teias da (des)estabilidade: análise psicodinâmica das vivências de servidores públicos de uma gerência regional do INSS diante dos novos modelos de gestão</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>TRAESEL, Elisete Soares. O ser e o servir nas teias da (des)estabilidade: análise psicodinâmica das vivências de servidores públicos de uma gerência regional do INSS diante dos novos modelos de gestão. 2014. 206f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Psicologia Social, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/98296> Acesso em: 01 out. 2016.</p>
<p>O Assédio Moral em uma Organização Pública: Uma leitura da Clínica Psicodinâmica do Trabalho.</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>SILVA, Hécia Daniel da. O Assédio Moral em uma Organização Pública: Uma leitura da Clínica Psicodinâmica do Trabalho. 2015. 408 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/1771>. Acesso em: 28 set. 2016.</p>

<p>Clínica do trabalho no sistema único de saúde: linha de cuidado em saúde mental do trabalhador e da trabalhadora</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>BOTTEGA, Carla Garcia. Clínica do trabalho no sistema único de saúde: linha de cuidado em saúde mental do trabalhador e da trabalhadora. 2015. 214 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Psicologia Social, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/141121?locale-attribute=pt_BR>. Acesso em: 28 set. 2016.</p>
<p>Clínicas do trabalho: diálogos entre psicossociologia e psicodinâmica do trabalho</p>	<p>Adaptações da proposta metodológica de Dejours</p>	<p>SOLDERA, Lucas Martins. Clínicas do trabalho: diálogos entre psicossociologia e psicodinâmica do trabalho. Assis, 2016. 142 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/138328>. Acesso em: 28 set. 2016.</p>